

Trilogia do tempo

Doc Comparato  
Nostradamus

teatro



# Nostradamus

**O príncipe das profecias**

Uma peça de teatro de Doc Comparato ©

**Peça teatral da trilogia do tempo**

**SGAE - 10.056.345**

Washington, USA

Registration Number

PAU 759-114

Date: June 28, 1985

**LIBRARY OF CONGRESS**

**Nota:** Existem traduções em francês, inglês e espanhol da peça Nostradamus.

**Copyright Warning**

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author

**Advertência**

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização para estes propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>

E-mail: [v.santiago@sgae.com.br](mailto:v.santiago@sgae.com.br)

ABRAMUS – Site: [www.abramus.org.br](http://www.abramus.org.br)

E-mail: [guilherme.amaral@abramus.org.br](mailto:guilherme.amaral@abramus.org.br)

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-8245-059-8

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](#)

## Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato.

Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. *Nostradamus* recebeu o prêmio Anna Magnani.

Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente.

E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilogias, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem*, *Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

Esta peça, mesmo baseada em fatos reais e históricos e calcada em extensa pesquisa bibliográfica, é inteiramente de ficção. Trata-se portanto da visão pessoal do autor Doc Comparato sobre a figura do assombroso profeta francês.

*À Bianca, que foi concebida depois da peça e nasceu antes da encenação.*

## LISTA DE PERSONAGENS

---

1. NOSTRADAMUS
2. SABINA
3. JULIUS
4. CARDEAL NARBONA
5. MONSENHOR FELICE
6. CESAR
7. CATARINA DE MÉDICIS
8. DUQUE ANTOINE DE BOURBON
9. CONDE DE LEPAN
10. MADAME ANNE
11. MONGES, PAJEM E VULTOS
12. ÁRABES, NOBRES DA CORTE, A GUARDA PAPAL E SALTIMBANCOS

## CENÁRIOS

---

CONSULTÓRIO DE NOSTRADAMUS

QUARTO DE NOSTRADAMUS

CALABOUÇO DO PALÁCIO DO CARDEAL

NO DISPENSÁRIO DE AGEN

NA PIRÂMIDE

SALA DE MAPAS

CORTE DE FRANÇA

CASA DE NOSTRADAMUS (SALON)

APOSENTOS DA RAINHA

SALA DOS ESPELHOS

**Nota:**

As indicações de música no texto servem apenas de pretexto para passagens de tempo. Fica assim a critério da realização o uso desta rubrica. Sugerimos *TE DEUM DE Z. KODALY* como base da trilha musical.

# NOSTRADAMUS

PRIMEIRO ATO

EM AVIGNON  
EM AGEN

## CENA 1 - NO CONSULTÓRIO DE NOSTRADAMUS

---

**Avignon - 1525.**

**Noite.**

*Tudo escuro.*

*Abre-se o pano*

*Michel de Nostredame (Nostradamus) discute com seu colega Julius sob luz de velas e candeeiros.*

*Vemos vinho, frutas e queijos sobre a mesa.*

*Julius come.*

*Instantes.*

*Nostradamus, de costas, olha através de uma janela o amanhecer.*

**JULIUS**

Agora, imagine; sentar, levantar, presidir reuniões e com aquela coisa ali. Dizem que está sem montar num cavalo faz uns seis anos. Já não sai do palácio. Tentaram de tudo. De Roma, dizem, veio um monge.

*Nostradamus se vira.*

**NOSTRADAMUS**

Um monge! Para quê? Ah! Na certa para aspergir água benta no cu do rei.

**JULIUS**

Michel! (*pausa*) Que ninguém nos ouça! Que Deus guarde sua majestade.

**NOSTRADAMUS**

Ora! Estou farto desta estória. É o cu do rei para lá, é o cu do rei para cá. (*pausa*) Será que você não compreende, Julius? Não enxerga? O rei gosta de ter aquela fistula anal, senão não se cercava daquelas doutas bestas incompetentes de Paris. Que levam o cu do rei para cima e para baixo, como se fosse um troféu de caça. Deus! Há quantos anos ouço a mesma estória? Olhe, assim que entrei para a faculdade de medicina aqui de Avignon, o assunto já era este e sabe que o velho doutor Camilo me cochichou? “Essa fistula não fica curada em menos de dez anos.” E então? Estou formado há quatro.

**JULIUS**

Michel... Você fala, fala e fala porque sabe que seus métodos de tratamento *não são lá tão aceitos assim.*

*Silêncio.*

**NOSTRADAMUS**

Eu disse que tinham de parar de enterrar a bunda do rei em terrinas e bidês de óleos, ervas e unguentos. Só isso.

**JULIUS**

Disse, não! Escreveu, Michel.

**NOSTRADAMUS**

E que diferença faz, Julius?

**JULIUS**

Muita. Sua tese foi recusada.

**NOSTRADAMUS**

Burrice. Se alguém tem dois cus, costura-se um. Não lhe parece lógico?

**JULIUS**

Na realeza a lógica é outra, doutor Michel de Nostredame.

**NOSTRADAMUS**

Bem... Não é só na realeza. O conselho superior da faculdade de medicina de Avignon, da qual o senhor é membro vitalício e cativo (*faz uma reverência*), tem também a sua lógica que, no meu entender, não é a lógica nem da medicina nem da biologia.

**JULIUS**

Michel, não seja impertinente. Sou seu amigo, mas não vim aqui ouvir desaforos.

**NOSTRADAMUS**

Você é muito engraçado, Julius. Sempre concorda comigo no particular e quando chega na reunião científica se abstém. Fica calado. (pausa) Isto muito me entristece, Julius. Me corrói.

*Mudança paulatina de luz em cena; amanhece.*

**JULIUS**

Você não mede conseqüências, Michel. (*Tom*) Fala tudo que lhe vem à cabeça; é como se de repente você se incendiasse. Isso não é bom. Pense. (*pausa*) Você tem uma inteligência brilhante, como médico, tem uma clientela grande e rendosa, família constituída. Por quê? Para que se expor tanto?

**NOSTRADAMUS**

Porque o fígado não é o reservatório da inteligência nem da alma e a sangria não pode ser o tratamento para todos os males do corpo humano.

**JULIUS**

É. É...É...Então me prove que não!

*Silêncio.*

*Nostradamus põe a mão no coração.*

**NOSTRADAMUS**

Sinto. Meu coração bate mais rápido. Isto deve significar alguma coisa. Pelo menos o coração fala através de uma cadência. Deve ser por conseguinte um órgão mais importante. O fígado é completamente mudo. Ou melhor, a boca do fígado deve ser o cu do rei. (*e ri*)

**JULIUS**

O coração é oco; lembra? O fígado sim é recheado; fonte permanente de humores, biles e plasma. Por isso, muito mais importante. Ou já se esqueceu da anatomia?

**NOSTRADAMUS**

Ah! Cansei, Julius. Você não me estimula. Além do mais amanhece e trabalha pela manhã e tarde. Acho que vou deixar de ser seu amigo.

*Tempo.*

*Um galo canta.*

**JULIUS**

Pois eu creio que não.

*Silêncio.*

*Julius bebe.*

**NOSTRADAMUS**

Não! Não me diga que conseguiu?

**JULIUS**

Está aqui comigo.

**NOSTRADAMUS**

Deixe-me ver. Por que não me mostrou antes, homem? Estamos aqui há horas, Julius.

**JULIUS**

É o meu jeito. **(pausa)** Não sei se devo, Michel.

**NOSTRADAMUS**

Já lhe disse. É só para copiar as partes mais importantes. Dentro de dois dias lhe devolvo. Ninguém vai saber.

*Julius se abaixa, abre uma sacola e de lá tira um livro enrolado num pano.*

**NOSTRADAMUS**

Julius, meu amigo, pelos três cus do rei, você conseguiu! E, mais extraordinário, teve coragem.

*Julius coloca o livro sobre a mesa.*

*O amanhecer dá uma estranha luminosidade ao ambiente.*

**JULIUS**

Engraçado, quando você me propôs achei que seria um ato de loucura...Mas...Cheguei lá, pedi autorização e entrei na Biblioteca Secreta do Conselho, e então...Aquele lugar me pareceu mais secreto do que nunca.

**NOSTRADAMUS**

Fantastique

*Nostradamus acaricia o pano e vagarosamente vai descobrindo o livro.*

**JULIUS**

Estive lá tantas vezes e nunca tinha tido tal impressão. Não! Talvez na primeira vez. Logo que entrei para o Conselho...

**NOSTRADAMUS**

Sublime. La première fois.

**JULIUS**

Papiros por toda parte, livros antigos...Senti um comichão nos dedos, comecei a suar, o coração disparou e...

**NOSTRADAMUS**

A paixão, Julius.

**JULIUS**

Foi como possuir uma mulher... A mesma excitação... O medo...O prazer.

*Nostradamus abre o livro e lê o título.*

**NOSTRADAMUS**

*De Mysteriis Egyptorum.*

**JULIUS**

Não foi fácil achar o livro, Michel. Não foi fácil sair com o livro debaixo da toga... Não foi fácil. Mas...Eu consegui.

**NOSTRADAMUS**

Você se expôs, Julius. Por nós. Foi isso.

**JULIUS**

Não. Me expus por você. *(pausa)* Não quero ler esse livro. Não quero que me diga o que ele contém. *(pausa)* Não. Mil vezes não, Michel! Deve existir uma razão muito forte para um livro ser esquecido nos confins de um labirinto.

**NOSTRADAMUS**

Ah! *De Mysteriis Egyptorum!* Pois eu lhe digo a razão! Meu avô, o italiano Peyrot de Nostredame, foi o homem que me criou. A ele devo quem sou; e ainda não sou ninguém. *(pausa)* Foi ele quem me falou de livros ocultos. Do Veda. Da Cabala. Dos antigos escritos hebraicos. *(pausa)* De todos eu li um pouco. *(pausa)* Foi meu avô quem me falou do céu, das estrelas e da astrologia. *(pausa)* Pela primeira vez ouvi a palavra infinito, ele me soprou. *(pausa)* Mas do *De Mysteriis Egyptorum* ele nunca tinha ouvido falar. Só intuía sua existência. *(pausa)* E eu saí pelo mundo, de St. Rémy de Provence para Montpellier, de Paris a Toulouse, depois à Itália e até um beijo de Espanha eu conheci. Ah! Como gosto de viajar! Mas a procura externa, não sei porque, se esvaiu em si. E aqui parei. Avignon. E intuí, como meu avô, que talvez atrás desse Conselho desgraçado e notável, que nunca me ouve e só me reprova, alguma coisa havia a ser descoberta. *(pausa)* Sondei Clavius e ele me informou da existência da Biblioteca Secreta. Claro que o livro só poderia estar aqui, a um palmo do meu nariz.

**JULIUS**

Clavius? Quem diria...

**NOSTRADAMUS**

Às vezes chego a concordar que o centro da vida esteja bem próximo do fígado, talvez no estômago. Provavelmente começa na boca. *(pausa)* Preparei um assado para Clavius e ele bebeu três garrafas de um bom Bordeaux. Depois falou feito uma cachoeira.

**JULIUS**

Uma premeditação.

**NOSTRADAMUS**

Com você não foi diferente, meu amigo. Estimulei aquilo que lhe é mais sagrado, o seu medo. Você é o medroso mais corajoso que conheço. Voilà!

*Nostradamus se aproxima do livro.*

*Ouve-se um sino.*

**NOSTRADAMUS**

*De Mysteriis Egyptorum.*

**JULIUS**

O sino da matriz. Amanhece.

**NOSTRADAMUS**

Luz. Luz. Por que existe uma biblioteca secreta? O escondido? A sombra. Quero a luz, Julius. A nitidez da manhã.

**JULIUS**

Michel, não leia este livro.

**NOSTRADAMUS**

Tivemos tanto trabalho... Por que não?

**JULIUS**

Não quero te ver mudado, transformado em outro ser; quero meu amigo assim como foi e é.

**NOSTRADAMUS**

Bobagem. Claro que não vou mudar. Que medo tolo; é apenas um livro. Dentro dele só existem palavras, palavras e mais palavras.

**JULIUS**

E a Santa Aquisição te perseguindo para todo o sempre.

**NOSTRADAMUS**

Ah! Isto nunca! **(pausa)** Afinal, o Cardeal Inquisidor de Avignon é meu paciente!

*Luz cai em resistência.*

*Música.*

## CENA 2 - NO CONSULTÓRIO DE NOSTRADAMUS

---

**Avignon - 1525.**

**Dia.**

*Foco.*

*Um pajem com bastão se aproxima da boca de cena e proclama, após bater o bastão no chão.*

**PAJEM**

O Inquisidor de Avignon! Sua Eminência o Cardeal Narbona! **(alto)**

*O consultório de Nostradamus se acende e se amplia; vemos um outro recanto até então na sombra. Em destaque um astrolábio.*

*Nostradamus se apresenta envolto numa capa, tendo uma pequena varinha na mão.*

*Entra o Cardeal Narbona, acompanhado de dois jovens monges e um monsenhor.*

**NOSTRADAMUS**

Eminência!

*Nostradamus faz uma reverência e corre para beijar o anel do cardeal.*

**CARDEAL**

Doutor Michel!

*O cardeal se encaminha para um banquinho colocado no centro do palco.*

*Nostradamus se mantém de pé.*

**NOSTRADAMUS**

É uma honra suprema contar com tão digna presença em meu humilde consultório. (pausa) Espero que dos males que vos aflijam seja aquele o menor e que a Pombinha do Espírito Santo deposite em mim a luz necessária para extirpá-lo de vosso corpo. Eminência!

*Nova reverência.*

**CARDEAL**

Deus vos ouça, Michel. Deus vos ouça.

*Silêncio.*

**NOSTRADAMUS**

E então? **(pausa)** Em que posso servi-lo?

*O cardeal olha à sua volta.*

**CARDEAL**

Ah! Vejo que tem um astrolábio! **(aponta)**

*Entre pilhas de potes, livros e papíros vemos um astrolábio.*

**NOSTRADAMUS**

Perfeitamente, Eminência. Procuo nos céus, no mar e nos reinos mineral e vegetal tudo que possa aliviar as dores do ser humano.

**CARDEAL**

Muito bem dito, Michel. **(pausa)** Mas, cá entre nós, o que acha da teoria de Copérnico?

**NOSTRADAMUS**

Bem... Ainda não foi provada, Eminência. É uma hipótese recusada pelo Santo Ofício.

**CARDEAL**

Disto sei eu. **(pausa)** Quero saber como o tão querido médico assiste a esses descabros da ciência.

**NOSTRADAMUS**

Se não me falha a memória, Copérnico disse que a Terra não é o centro do universo, ou melhor, matematicamente concluiu que a Terra gira em torno do Sol. **(pausa)** Eminência... Sobre a vida de Copérnico e seus cálculos sei muito pouco, a bem dizer. Mas...veja bem o meu caso; sou considerado por muitos um médico pouco ortodoxo... Isto não quer dizer que não seja estritamente as normas médicas instituídas pelo Santo Ofício. Claro?

**CARDEAL**

Claro.

**NOSTRADAMUS**

Mas isto não quer dizer também que não tenha dúvidas sobre as normas que regem a nossa ciência médica e a eficiência de seus tratamentos. **(pausa)** Eu as tenho e são muitas.

**CARDEAL**

Michel! Meça suas palavras!

**NOSTRADAMUS**

E é por isso que não acredito em sanguessugas nem em sangrias! **(pausa)** Mas, se o senhor quiser, imediatamente lhe sangrarei as veias e despejarei pelo seu corpo dezenas de animaizinhos vampirescos que, dilacerando a pele e nutrindo-se vorazmente, irão, aos poucos, aliviá-lo do mal, seja ele qual for.

*O Cardeal tem uma reação de nojo, medo e horror.*

**CARDEAL**

Oh! Tirar meu sangue? Não. Isto não...Só de pensar, sinto que vou desmaiar.

**NOSTRADAMUS**

As normas são essas, Eminência.

*Tempo.*

*O Cardeal passa um lenço pelo pescoço e pela testa.*

**NOSTRADAMUS**

Mas claro que tão augusta figura merece um tratamento melhor. Assim acredito. **(pausa)** Eminência, se mal lhe pergunto, que mal o aflige?

*O Cardeal se recompõe e, fazendo um sinal com a mão, chama Nostradamus para perto..*

**CARDEAL**

É...Como direi...Ando cansado.

**NOSTRADAMUS**

Cansado!? Só?

**CARDEAL**

Bem... Uma parte especial do meu corpo anda cansada.

**NOSTRADAMUS**

Os pés naturalmente estão inchados.

**CARDEAL**

Não são os pés. É uma parte acima.

**NOSTRADAMUS**

Seus joelhos tremem, talvez?

*Cardeal gesticula.*

**CARDEAL**

Mais para cima.

**NOSTRADAMUS**

Ah! Os braços!

**CARDEAL**

Não, Michel, agora você subiu demais!

**NOSTRADAMUS**

Eminência, suplico-lhe que seja claro. De outro modo viajaremos por toda a anatomia humana e tão cansado ficarei que não poderei ajudá-lo.

**CARDEAL**

Está bem, Michel. Está bem. **(pausa)** Eu quero dizer que ele não sobe.

**NOSTRADAMUS**

Ah! Não...sobe!? Quer dizer que ...não alça vôo como uma desejável ave de rapina?

**CARDEAL**

Não.

**NOSTRADAMUS**

Ah! Nem canta feito um canário?

**CARDEAL**

Muito menos. E faz algum tempo.

**NOSTRADAMUS**

Eminência, esse ser recolhido esteve ferido ou lacerado recentemente?

**CARDEAL**

Não.

**NOSTRADAMUS**

Lança secreções fétidas, produz ardência ou malestar?

**CARDEAL**

Não. Ele está perfeito, Michel.

**NOSTRADAMUS**

Este caso me faz recordar uma doença de origem oriental, Eminência.

**CARDEAL**

E será recuperável?

**NOSTRADAMUS**

Eminência, após urinar notou formigas próximas a seu mijo?

**CARDEAL**

Nunca.

**NOSTRADAMUS**

Então o sangue não está doce. **(pausa)** Vamos à doença seguinte.

*Nostradamus se aproxima com a varinha.*

**NOSTRADAMUS**

Olhe para a ponta deste estilete, Eminência.

*Nostradamus leva a varinha para cima, para baixo, para a direita e a esquerda, seguidamente.*

**NOSTRADAMUS**

Agora para o céu. Agora para o inferno. Agora para a alvorada. E agora para o poente. **(pausa)** Agora não veja.

**CARDEAL**

Como posso fazê-lo, Michel?

**NOSTRADAMUS**

Fechando os olhos, Eminência.

**CARDEAL**

É evidente.

*O Cardeal fecha os olhos.*

**NOSTRADAMUS**

Vê estrelinhas?

**CARDEAL**

Não.

**NOSTRADAMUS**

Sua nuca dói?

**CARDEAL**

Não.

**NOSTRADAMUS**

Neste caso o sangue não está estrangulado. (pausa) Mas suas pálpebras tremem...

**CARDEAL**

É nervoso...

**NOSTRADAMUS**

Ah! (pausa) Eminência, ao acordar nota que o órgão cansado já está de pé?

**CARDEAL**

Noto.

**NOSTRADAMUS**

Ah! (pausa) Mas se uma mão lasciva dele e aproxima ou se algum orifício distraído nele quiser repousar, nada acontece; isto é correto?

**CARDEAL**

Corretíssimo, Michel.

*Nostradamus corre para a mesa e começa a escrever com uma pena de ganso.*

*O Cardeal se mantém de olhos fechados.*

**NOSTRADAMUS**

Já tenho o diagnóstico, Eminência! (pausa) É cansaço mesmo! Nada de grave.

**CARDEAL**

Que ótimo! Que notícia agradável!

*Nostradamus escreve.*

*Tempo.*

**CARDEAL**

Michel.

**NOSTRADAMUS**

Aguarde, Eminência.

*Tempo.*

**CARDEAL**

Michel.

**NOSTRADAMUS**

Sim, Eminência.

**CARDEAL**

Que tanto escreve?

**NOSTRADAMUS**

Uma receita.

**CARDEAL**

De quê?

**NOSTRADAMUS**

Geléia de marmelo.

**CARDEAL**

E é indicada para o meu caso?

**NOSTRADAMUS**

Indicadíssima.

**CARDEAL**

Como devo proceder?

**NOSTRADAMUS**

Simple. Muito simple. Primeiro distribua a geléia pelo órgão cansado. Depois friccione levemente. Depois peça a uma pessoa de sua inteira e total confiança que sorva, não tão forte como uma sanguessuga, a referida geléia. A operação deve ser repetida sempre que desejada pelo paciente e o efeito deve ser imediato.

**CARDEAL**

Ótima receita.

**NOSTRADAMUS**

Sabia que iria gostar, Eminência. Muito obrigado.

**CARDEAL**

Michel.

**NOSTRADAMUS**

Sim, Eminência.

**CARDEAL**

Posso abrir meus olhos?

**NOSTRADAMUS**

Ah! Que distração a minha. Abra os olhos.

*Tempo.*

**CARDEAL**

Não posso abri-los, Michel! Não posso!

*Instantes.*

*Os monges se acercam do Cardeal.*

**NOSTRADAMUS**

Abra os olhos, Eminência!

**CARDEAL**

Não posso...Não consigo...Que terror!

*Tempo.*

*Tumulto.*

**NOSTRADAMUS**

Abra! **(alto)**

*Nostradamus bate com a varinha sobre a mesa.*

*Ouve-se um sino.*

*Silêncio.*

*O Cardeal abre os olhos.*

**CARDEAL**

Deus...Pensei que fosse ficar cego para sempre. Que susto. Por um instante pensei que estava no reino das trevas.

*Nostradamus está lívido e, subitamente, começa a bater com a varinha na mesa compulsivamente. Seu gesto é estranho e agressivo.*

*Instantes.*

*O Cardeal se levanta perplexo. Os monges ladeiam o Cardeal.*

*O monsenhor se afasta.*

**CARDEAL**

Que está acontecendo, Michel? **(pausa)** Michel! Michel! Pelo amor de Deus, me diga! Eu exijo! O que significa isto? **(alto)** Doutor Nostredame, se componha!

*Nostradamus pára.*

*Instantes.*

*Nostradamus se dirige para o monsenhor com sua varinha em riste.*

**NOSTRADAMUS**

Monsenhor! Dentro de ti há uma luz! **(pausa)** Eu a vi.

*Todos perplexos.*

**CARDEAL**

Será uma doença, Michel?

*O monsenhor está aterrorizado, mas não diz palavra.*

**NOSTRADAMUS**

Não!

*Silêncio.*

**NOSTRADAMUS**

Me diga, monsenhor, seu nome não é Felice Peretti?

**CARDEAL**

Como sabe?

**NOSTRADAMUS**

Responda, monsenhor!

**CARDEAL**

Ele não tem autorização para falar, - Michel! Veio da Itália em visita de penitência! E isto já foi longe demais!

*Emocionadíssimo, Nostradamus se ajoelha `a frente do monsenhor.*

**NOSTRADAMUS**

Monsenhor Felice Peretti, desculpe minha emoção ao encontrá-lo, mas por aqui passam tão poucos homens de bem...Vossa Santidade, em sua grandeza, na certa perdoará meus modos.

**CARDEAL**

Michel, você perdeu o juízo! Ele não é o Papa, Michel. E ninguém deve, pode ou tem autorização para chamá-lo de Santidade!

*Nostradamus continua junto ao monsenhor.*

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Mas ele vai ser papa. (pausa) Vossa Santidade se sentará no trono de Pedro e reinará com o nome de Xisto V, semeando justiça e conciliação. (pausa) Que Deus vos guarde,

*O monsenhor está estarecido. Nostradamus beija sua batina.*

**CARDEAL**

Blasfêmia! Nunca vi tamanho ultraje frente ao Cardeal Inquisidor! Isto é coisa do diabo! Vade retro, Satanás!

*O Cardeal puxa o monsenhor e sai. Nostradamus ajoelhado.*

*Luz cai em resistência.*

*Música.*

## CENA 3 - NO QUARTO E NO CONSULTÓRIO DE NOSTRADAMUS

---

**Avignon - 1525.**

**Noite.**

*Um cortinado transparente (dossel) baixa sobre uma parte do palco e forma uma enorme cama.*

*Nostradamus se apresenta de dorso nu, sob o dossel, recostado sobre peles de carneiro e inúmeras cobertas que dão forma ao leito. Enquanto essa movimentação se processa, sua mulher Sabina, vai acendendo vários candeeiros pelo palco enquanto cantarola baixinho uma cantiga. Sabina se apresenta enrolada num manto.*

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Sabina. **(pausa)** Seu perfume me chega até aqui.

**SABINA**

É almíscar. **(pausa)** As crianças dormiram, Michel.

**NOSTRADAMUS**

Sem choro nem zanga?

*Tempo.*

**SABINA**

Como dois anjinhos.

**NOSTRADAMUS**

Ah! Como são lindos os nossos filhos. **(pausa)** Outro dia Jean me perguntou: “Pai, eu nasci como?” **(pausa)** Aí eu disse: “Meu petit Jean, você e sua irmã nasceram como nascem os lírios, entre gotas de orvalho e a primeira bruma da manhã, entre o dia e a noite”. Um capricho perfeito da natureza. **(pausa)** O fruto da paixão.

*Sabina entra debaixo do cortinado transparente.*

**NOSTRADAMUS**

O que aconteceu, Michel?

*Nostradamus abaixa o manto de Sabina, descobrindo o busto da amada.*

**NOSTRADAMUS**

Lírios e almíscar. **(pausa)** A paixão tem forma e cheiro.

*Nostradamus toca no busto de Sabina e depois se aconchega nele.*

**NOSTRADAMUS**

Me protege com teu calor e com o descompasso do coração, vê se tira de mim esse peso maldito que atormenta minha alma. **(pausa)** Você pode fazer isto, não pode, Sabina?

**SABINA**

Nada de arrependimento, Michel. O que você fez está feito.

*Nostradamus se afasta de Sabina.*

**NOSTRADAMUS**

Mas por que eu fui fazer isso? Por quê!?! (pausa) Que demônio foi esse que se apossou do meu discernimento, Sabina?

**SABINA**

Talvez você tenha chamado esse demônio. Ou talvez não seja um demônio.

**NOSTRADAMUS**

Então o que é? (pausa) Deus! Logo na presença do mais poderoso de todos! O Cardeal Narbona. (pausa) Aquele louco sanguinário só não pode ver o próprio sangue, mas o meu ele vai querer. Vai sim. Frio, quente, talhado, coagulado, ele vai querer o meu sangue, cabeça, tronco e membros.

*Sabina puxa Nostradamus, de novo, junto a seu busto. Instantes.*

**SABINA**

Quero que me ame. E que ame só a mim. E que não me esconda nada. **(pausa)** Mas, porque te amo, quero que não se sinta preso e faça o que quiser. E que tenha os seus segredos. **(pausa)** Vê? Não consigo chegar a um acordo comigo mesma.

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Você sabe. (pausa) Para onde vamos fugir?

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Para o único lugar de onde a Inquisição não se aproxima. **(pausa)** Agen.

*Sabina tem um estremecimento.*

**SABINA**

Agen!? Mas...

**NOSTRADAMUS**

Para a pequena e úmida cidade de Agen. **(pausa)** Amargura por amargura, prefiro Agen.

*Tempo.*

**SABINA**

E se...

*Nostradamus a interrompe.*

**NOSTRADAMUS**

Não! Nem pense nisso. **(pausa)** Afinal, sou ou não sou o maior médico da França?

**SABINA**

É... Se você se sente como tal.

**NOSTRADAMUS**

Pois lhe digo: nada! Nada vai nos acontecer. Eu prometo, eu sei, sinto!

*Sabina recomeça a cantarolar a mesma cantiga do início da cena.*

*Instantes.*

#### **NOSTRADAMUS**

Não se entristeça, minha paixão. Dizem que as noites em Agen são claras e longas. Assim terei todos os astros do firmamento para estudar e muita geléia de marmelo para apreciar.

*Sabina lenta e suavemente vai deixando o cantarolar e baixa sua cabeça em direção à genitália de Nostradamus, que, após um tempo, começa a suspirar profundamente.*

*Instantes.*

*A luz sobre o casal vai caindo lentamente.*

*Nostradamus geme e suspira de prazer.*

*Foco no consultório do outro lado do palco; a luz vai ganhando intensidade sobre o astrolábio e o livro De Mysteriis Egyptorum até o máximo. Parece que a luz sai dos objetos.*

*Nostradamus goza.*

*A luz sobre o leito se apaga totalmente.*

*Música.*

*Instantes.*

*Nostradamus envolto numa manta se apresenta junto ao astrolábio e ao livro.*

*Um tempo. Nostradamus primeiro espalma sua mão sobre o livro De Mysteriis Egyptorum, depois abre-o e começa a ler. (Latim)*

#### **NOSTRADAMUS**

Quos legent hoxe mature censunto. **(pausa)** Profanum vulgus et inscium ne attretato.

*Mudança de luz.*

#### **NOSTRADAMUS**

Omnesq; astrologi blenni, barbari... **(sua voz se perde)**

*Instantes.*

#### **NOSTRADAMUS**

Que alter facit, is rite, sacer esto! **(pausa)** Preciso arranjar uma mesa com três pés...Onde?... O banquinho!

*Nostradamus pega o banquinho e em cima deste coloca o candeeiro.*

#### **NOSTRADAMUS**

Agora a terrina com água e a varinha.

*Entre os potes presentes pega uma terrina e dentro desta derrama um pouco da água de um jarro.*

*Agora se senta no chão e vemos o banquinho com o candeeiro aceso, a terrina com água, o livro aberto e a varinha em suas mãos.*

*Instantes.*

*Nostradamus se asperge com a água na cabeça, nas vestes e nos pés.*

## NOSTRADAMUS

*Deo! A Natura! (repete)*

*Nostradamus se concentra, olhando todo o tempo para a água.*

*A varinha em sua mão está estática. Começa o ritual.*

*A luz cai.*

*Um coro de vozes se ouve ao fundo.*

*A varinha na mão de Nostradamus começa a oscilar lentamente.*

*Na parte superior do palco, num praticável, começa a se visualizar uma estranha silhueta. Uma bruma toma conta do palco.*

*A varinha oscila mais depressa.*

*Instantes.*

*O coro de vozes.*

*Agora vemos com nitidez a silhueta; ela se tornou uma visão. Trata-se de um homem, velho e retorcido, debruçado sobre uma mesinha de três pés. Sobre a mesa nota-se uma terrina de cristal com água, uma vela e um livro. O velho processa o mesmo ritual de Nostradamus, em sua mão a varinha brilhante começa a oscilar na mesma cadência da de Nostradamus. O movimento cadenciado das varinhas se intensifica. Todos os objetos usados pelo velho brilham intensamente.*

*Instantes.*

## NOSTRADAMUS

*Não...(baixo)... Não... Chega. Chega... Não! Não! (alto) Chega! Chega! (alto)*

*As vozes e a visão do praticável desaparecem.*

*A luz volta ao normal no consultório.*

*Luz também no leito; sob o cortinado vemos Sabina dormindo seminua.*

*Nostradamus vira a terrina de água com um safanão; está muito tenso.*

*A água escorre pelo chão.*

## NOSTRADAMUS

*Sabina! Sabina! Eu me vi no futuro! Eu me vi, Sabina! Me vi. Deus... Deus, eu me vi no futuro.*

*Sabina se movimenta.*

## SABINA

*Nostradamus. Nostradamus!*

*Nostradamus se aquieta.*

*Tempo.*

## NOSTRADAMUS

*De onde tirou esse nome? (pausa) De onde, Sabina?*

*Silêncio.*

## NOSTRADAMUS

Só meu avô me chamava assim...Nostradamus.

*Música. Coro de vozes.*

*Tudo escuro.*

## CENA 4 - NO CONSULTÓRIO DE NOSTRADAMUS

---

1525.

**Dia.**

*Luz.*

*Sabina e o pajem arrumam o consultório para a viagem; recolhem objetos, apagam candeeiros, etc. Limpam o cenário. Julius, no centro do palco, fala.*

**JULIUS**

Tudo tão repentino. É incompreensível. Os doutos do Conselho não falam de outra coisa, e há na cidade um verdadeiro delírio coletivo. **(pausa)** Michel é acusado de tudo: ocultismo, desacato a autoridade eclesiástica, magia negra, bruxaria e satanismo. **(pausa)** Madame Sabina, se a senhora me desse um pouco de sua atenção eu agradeceria penhorado.

*Sabina continua trabalhando.*

*Tempo.*

**SABINA**

Não vê que eu estou ocupada, doutor Julius?

**JULIUS**

Mas num momento tão grave, madame!

**SABINA**

Isto é assunto meu, doutor.

*Pausa.*

**JULIUS**

E isto lá é resposta, madame! **(pausa)** Compreendo seu nervosismo, mas veja bem o meu caso. Atravessei com coragem a cidade inteira para emprestar minha solidariedade a Michel, pois todos sabem que sou fiel aos meus amigos. E sou aqui tratado a pedradas? Corro risco de vida! Posso ir até para a fogueira, madame. E tudo por causa de seu marido!

**SABINA**

Não! Tudo por causa do senhor mesmo! Desde que esse maldito livro entrou aqui, tudo virou pelos ares.

**JULIUS**

Que...que livro?

**SABINA**

Ah! Além de medroso, é sonso. **(pausa)** Doutor Julius, nunca apreciei suas visitas noturnas nem seus modos à mesa. Me incomoda esse seu luxo caipira e a maneira pretensiosa e estudada com que remexe seu manto. E seu olhar arrogante me enerva. E como me enerva! Aliás tudo no senhor me enerva, doutor. Sabe por quê? Soa falso. Falso!

*Entra Nostradamus. Ele parece mais velho; algo mudou em sua pessoa. Nostradamus traz enrolado o livro num pano.*

**NOSTRADAMUS**

Sabina!

*Pausa.*

**SABINA**

Era hoje ou nunca. **(pausa)** Não agüento mais, estou farta. Nós vamos morrer. Todos. **(emocionada)** Os filhos que tive, a felicidade que vivi, tudo se vai.

**NOSTRADAMUS**

Agora chega.

*Sabina e o pajem saem.*

*Pausa.*

**JULIUS**

Eu vim pegar o...

**NOSTRADAMUS**

Está aqui o livro, como prometi.

*Julius olha para os lados. Nostradamus mostra o livro.*

**JULIUS**

Deixe em cima da mesa, quando sair coloco debaixo do manto.

*Nostradamus coloca o livro sobre a mesa.*

**JULIUS**

Eu não sabia que Sabina me odiava tanto...

**NOSTRADAMUS**

As mulheres são assim mesmo, imprevisíveis. **(pausa)** Peço seu perdão em nome de minha esposa.

*Pausa.*

**JULIUS**

Escute, Michel. Acho que você deve pedir uma petição de confiança ao Conselho e...

**NOSTRADAMUS**

Não! Já tomei minha decisão. **(pausa)** Vou para Agen.

**JULIUS**

Agen!? Você enlouqueceu?

**NOSTRADAMUS**

Não. Existe um momento na vida em que devemos abandonar todas as certezas e nos entregar a uma lei misteriosa; seguir essa lei significa destruir-se a si mesmo ou superar-se.

*Pausa.*

**JULIUS**

Fala tão estranho. **(pausa)** Tudo aqui está tão esquisito. Você parece mudado, Michel. Até seu olhar é diferente.

*Pausa.*

**NOSTRADAMUS**

Eu me vi ontem, Julius. **(pausa)** Foi loucura ou realidade? **(pausa)** Não sei. E tenho medo de saber.

*Pausa.*

**JULIUS**

O livro! Ele é o culpado de tudo; por isso Sabina me destratou. Agora entendo... Foi ele.

**NOSTRADAMUS**

Não! Pela milésima vez, não! *De Mysteriis Egyptorum* foi apenas o instrumento de uma coisa que já se fazia corpo dentro de mim.

*Pausa.*

**JULIUS**

O que diz o livro, Michel?

**NOSTRADAMUS**

Você disse que não queria saber.

**JULIUS**

Bem... Depois de tudo que aconteceu... Mudei de idéia.

**NOSTRADAMUS**

Pois bem. Ele fala sobre o tempo. **(pausa)** O tempo. Dias, meses, anos e horas. Eras e calendários. Satisfeito?

*Julius se aproxima do livro.*

**JULIUS**

Mas só por causa disso esse livro não seria proibido.

**NOSTRADAMUS**

Fala do firmamento também. Centaurus, Lupus, Hydra, Ara, Scorpius e Serpentarius.

*Julius vai descobrindo o livro.*

**JULIUS**

Tão pouco....

**NOSTRADAMUS**

Não toque nele! É melhor levá-lo imediatamente para a biblioteca secreta. Não perca tempo, Julius. Você também pode ser incriminado pela Inquisição.

*Julius hesita.*

**JULIUS**

É...É verdade. **(pausa)** Mas, alto lá! Eu tenho direito de ler esse livro! Eu sou do Conselho!

**NOSTRADAMUS**

É uma linguagem muito complicada, escrita por um tal de lamblichus. **(pausa)** Se eu fosse você não tentava.

*Julius treme.*

**JULIUS**

Por quê? O que ele faz melhor que eu? **(pausa)** Tenho muito prestígio com todos, não existe nenhum processo eclesiástico contra minha conduta e, além do mais, sou um fiel seguidor das normas e leis que regem o reinado!

**NOSTRADAMUS**

Por isso mesmo, Julius. Deixe sua mediocridade em paz.

*Pausa.*

*Julius retira o pano, descobrindo o livro.*

*Abre o livro.*

*Instantes.*

**JULIUS**

Mas este livro está em branco! Não serve de nada! Você tirou o escrito verdadeiro e só deixou a capa! **(pausa)** Michel, você me traiu! Quer me ver na fogueira! Me entregue imediatamente o original! Se eles descobrirem a troca, eu sou um homem morto. **(pausa)** Por favor, Michel! Por favor! Por Deus!

*Pausa.*

**NOSTRADAMUS**

A mediocridade é uma obra prima e a menor transgressão a tumultua. **(pausa)** Você sofre por nada, Julius.

**JULIUS**

Vou te delatar ao Conselho! Você não tem escrúpulo! Vou dizer que você me forçou a tirar o livro de lá, vou...

**NOSTRADAMUS**

Não vai fazer nada! **(pausa)** Vai ficar quieto no seu canto enquanto fujo de Avignon.

**JULIUS**

Tomara que morra! E que os vermes comam suas entranhas e destruam todos os seus!

**NOSTRADAMUS**

Obrigado, amigo.

*Julius sai com o livro em branco debaixo do braço.*

*Ouvem-se vozes. Lamentações e gemidos.*

*Luz cai imediatamente.*

*Música.*

## CENA 5 - NO CALABOUÇO DO PALÁCIO DO CARDEAL NARBONA

---

1525.

Noite.

*font-family: "Brixton", sans-serif; font-size: 3em; text-align: center;*  
*font-family: "Brixton", sans-serif; margin-bottom: 0;*  
*font-family: "Brixton", sans-serif; margin-top: 0; text-align: center;*  
*font-size: 135%; text-align: left; margin-top: 1em; margin-bottom: 3em;*  
*margin-top: 0; text-align: center;*  
Homens entram com tochas acesas.

*Uma escadaria de pedra entra em cena. Vêm-se correntes e argolas de ferro.*

*Julius seminu, é acorrentado a uma roda de metal para ser torturado.*

*A monstruosa roda de ferro, instrumento de tortura sem similar, toma conta do cenário.*

*A atmosfera é sinistra e densa.*

*O Cardeal Narbona se apresenta no topo da escadaria. Instantes.*

*Narbona estende o braço e mostra o anel de Cardeal no dedo anular.*

**CARDEAL**

Vê esse anel? Sabe o que ele representa? O poder de um Cardeal! Ele é o símbolo de minha autoridade... Mas também de meu fardo. **(tom)** Eu detesto fazer essas coisas. Faço pela Igreja.

*Narbona vai descendo a escadaria.*

**CARDEAL**

Meu anel. Um ornamento esplêndido. Foi presente de Deus. Da palavra de Cristo. **(pausa)** Eu sou o guardião da palavra de Cristo. O doutor sabia? A Inquisição é o braço mais poderoso da Cristandade.

*Instantes.*

**CARDEAL**

Gire a roda!

*Um homem aciona um mecanismo e a roda de ferro gira em torno do eixo central. O corpo de Julius vira preso à roda.*

*Julius berra.*

*A roda pára.*

*Julius agora está de cabeça para baixo.*

**JULIUS**

Por favor, Cardeal. Em nome de todos os Santos! De Cristo! Da Virgem Maria! Me livra deste tormento! Me livra desta tortura! Não sei de mais nada! Já contei tudo o que sabia! Contei tudo!

*Instantes.*

**CARDEAL**

Adoro a gema do meu anel. Dizem que o rubi anuncia paciência. E eu tenho muita paciência. **(tom)** E todo o tempo para escutá-lo. **(pausa)** A turquesa significa alegria. **(tom)** Estou curioso para saber das novidades. Para onde ele fugiu?

**JULIUS**

Mas já disse, ele foi para Agen!

**CARDEAL**

Ninguém vai para Agen!

**JULIUS**

Mas ele foi. Michel foi.

**CARDEAL**

Gire a roda!

*O homem aciona o mecanismo. A roda gira e Julius volta à posição inicial.*

*Julius geme.*

**JULIUS**

Obrigado, Eminência. Obrigado.

**CARDEAL**

Diga-me, doutor Julius, é bom ver o mundo de cabeça para baixo?

**JULIUS**

Não. Nunca, Eminência. Pois é prova de satanismo adorar a cruz de Cristo de cabeça para baixo.

**CARDEAL**

Ah! E como o doutor Michel consegue?

**JULIUS**

O quê?

**CARDEAL**

Ver a vida de cabeça para baixo? O tempo de trás para diante e de diante para trás? **(tom)** É satanismo, não é?

**JULIUS**

Ele... Ele... Ele... Foi o tal livro, Eminência.

*O Cardeal abre um livro.*

*Páginas em branco caem pelo chão.*

**CARDEAL**

Um livro escrito com tinta invisível. **(pausa)** Invisível feito um querubim, um serafim... Um arcanjo.

**JULIUS**

Não sei o que aconteceu com os escritos, Eminência...

**CARDEAL**

Mas sabe o que diziam!

**JULIUS**

Não!

**CARDEAL**

Sim! **(tom)** Vai saber! **(pausa)** Se há uma coisa que excita mais os animais que o prazer é a dor. **(tom)** A dor. Com a dor tudo o que foi ouvido, visto e sentido volta à memória. **(pausa)** E a tortura é o instrumento da dor, como a dor é o instrumento da Santa Inquisição para descobrir os hereges que grassam pelo mundo e querem a destruição do poder da Santa Madre Igreja.

**JULIUS**

Não... Não sou um herege... Aliás... Eu sou fraco demais para ser qualquer coisa...

**CARDEAL**

Isso. Fala. Conte-me tudo. Quero saber dos mil demônios que habitam sua alma... Da soberba da mente de Michel. Conte-me com detalhes, como Michel fez o trato com a serpente no cio e vai fazer do monsenhor Felice um papa. Conta!

**JULIUS**

Ah! Ele não vai fazer ninguém papa, Eminência.

**CARDEAL**

Um antipapa então, que seja assim. Mas... Conte. Diga. Confesse! **(pausa)** Como é o ritual? Como ele faz?

**JULIUS**

Bem... Eu... Nunca assisti à cerimônia.

**CARDEAL**

Então existe uma cerimônia macabra e anticristã?

**JULIUS**

Creio que sim, Eminência.

**CARDEAL**

Desconfiava disso. Michel sempre foi sutil e evasivo quanto aos dogmas da Igreja. Porém é um homem perspicaz e hábil como uma raposa. **(tom)** Um animal, ele. Intuitivo. **(pausa)** Ele é perverso?

**JULIUS**

Não... Quer dizer, é... É, sim.

**CARDEAL**

Ah! Ótimo. Ele deve usar sangue de bode, cães raivosos e queimar alguma essência mágica.

**JULIUS**

É... Pode ser.

**CARDEAL**

Qual é a essência mágica? Como se compõe?

**JULIUS**

A essência?

**CARDEAL**

É. A essência que ele usou para fazer Felice se tornar papa?

**JULIUS**

Mas... Eminência, o monsenhor Felice ainda não é papa.

*Tempo.*

**CARDEAL**

O senhor está me provocando, é?

**JULIUS**

Não, Eminência. Pelo amor de Deus, eu...

**CARDEAL**

Está, sim! Acha que eu não posso ser papa, provavelmente. Pensa que não mereço o cargo maior da cristandade, o poder supremo sobre os homens e as coisas, é isso?

**JULIUS**

Não, Eminência!

**CARDEAL**

Não me interrompa! **(tom)** Pois eu mereço mais do que ninguém! Pois passei minha vida em calabouços sórdidos, corrigindo os desvios da fé. Aperfeiçoando os homens para se aproximarem mais de Deus. **(longa pausa)** Quero essa essência mágica! Quero ser papa! Quero o doutor Michel de Nostredame aqui! Vivo ou morto!

*O homem ativa o mecanismo.*

*A roda gira com o corpo de Julius acorrentado a ela.*

*Julius berra.*

*O Cardeal e os homens saem.*

*Instantes.*

*Tempo.*

*A roda pára.*

*Silêncio.*

*Subitamente um alçapão se abre e sai monsenhor Felice, acompanhado por dois monges.*

**MONSENHOR**

Depressa. As correntes. **(tom)** Oh, Senhor, em que mãos caiu a tua Igreja!

*Os monges correm para a roda e soltam Julius.*

*Julius cai desacordado no chão. O monsenhor envolve o corpo seminu de Julius com uma manta.*

**MONSENHOR**

O vinho.

*Um dos monges passa o vinho. Monsenhor Felice faz Julius beber à força.*

*Instantes.*

*Julius tosse e se engasga.*

**MONSENHOR**

Vamos, acorde. Temos pouco tempo. Vamos, doutor Julius. Junte suas últimas forças.

*Julius acorda e se aproxima ainda mais a Felice.*

**JULIUS**

Michel é um herege. Eu sou um herege... Nós somos o mal... É uma sina que jamais se vai... Michel nasceu de um rito infernal, ele me contou.

**MONSENHOR**

Cala!

**JULIUS**

Confesso que vi aquilo que o vulgo chama demônio e descobri que o demônio é o futuro. E se só Deus sabe do futuro... Então... O demônio é Deus.

*O monsenhor sacode Julius violentamente. Acaba dando dois tapas no rosto do médico.*

**MONSENHOR**

Acorda, homem! Acorda! A tortura já se foi.

*Julius começa a chorar.*

**JULIUS**

Me perdoa, amigo... Me perdoa, Michel... Me perdoa, Michel... Eu te traí.

**MONSENHOR**

Eu não sou Michel.

*Tempo.*

**JULIUS**

Monsenhor...

**MONSENHOR**

Vá. Desça depressa para o calabouço inferior. Uma charrete te espera no portão.

**JULIUS**

Mas se eu descer por esse alçapão... Serei um fugitivo da Santa Inquisição. Serei um proscrito.

**MONSENHOR**

Prefere voltar para a roda de ferro então?

*Julius nervosíssimo.*

**JULIUS**

Não. Não quero voltar para a roda e tenho medo de sair daqui. Ai! Meu Deus! Por favor, me proteja. Me ajude. Diga ao Cardeal que... Diga para mim que tudo é um sonho. Diga. Diga que a vida é um sonho.

**MONSENHOR**

A vida é um pesadelo.

**JULIUS**

Mas a minha vida era um sonho. Eu era feliz.

**MONSENHOR**

E quem lhe disse que nós viemos ao mundo para sermos felizes, doutor? (**longa pausa**) Agora vá.

*Tempo.*

*Julius se dirige ao alçapão.*

**JULIUS**

Monsenhor... O senhor está falando. Quebrou o voto de silêncio.

*O monsenhor sorri.*

**MONSENHOR**

E isso é importante?

*Tempo.*

**JULIUS**

E por que me ajuda?

**MONSENHOR**

Acredito em sua inocência.

**JULIUS**

E em Michel? O senhor acredita em Michel? Na profecia?

*Tempo.*

**MONSENHOR**

Diga a Michel para nunca mais pôr os pés na França. E leve isso para ele.

*O monsenhor tira um crucifixo de prata da batina e entrega para Julius.*

**JULIUS**

Um crucifixo... Para quê?

**MONSENHOR**

Vá. Depressa. O Cardeal pode voltar a qualquer momento.

*Instantes.*

**JULIUS**

Mas... Se o senhor acredita em Michel, também acredita que vai ser papa, verdade?

*Tempo.*

**MONSENHOR**

Não. Não acredito na profecia. Como não acredito que se possam produzir verdades através de uma roda de ferro. A incandescência da verdade é fruto de outra roda.

**JULIUS**

De que roda?

**MONSENHOR**

Pergunte a Michel. Talvez só ele possa lhe responder. Vá.

*Julius desaparece pelo alçapão.*

*Instantes.*

*O monsenhor em pé no centro do palco.*

*O Cardeal se apresenta no topo da escadaria.*

**CARDEAL**

O que os monges estão esperando? Sigam Julius até ele encontrar Michel. Vamos!

*Os monges também desaparecem pelo alçapão. Instantes.*

**CARDEAL**

O senhor foi eloqüente demais, monsenhor.

**MONSENHOR**

Fiz o possível, Eminência.

**CARDEAL**

Eu me lembrarei disso quando for papa.

**MONSENHOR**

Assim espero, Eminência. **(pausa)** Com a sua licença.

*O monsenhor vai saindo.*

**CARDEAL**

Um momento!

**MONSENHOR**

Sim, Eminência.

**CARDEAL**

Repita!

**MONSENHOR**

Mas...

**CARDEAL**

Me dá prazer ouvir. Repita o juramento.

*Tempo.*

**MONSENHOR**

Eu, monsenhor Felice Peretti, juro perante Deus e a Santa Inquisição que se algum dia for escolhido papa renunciarei a essa honra.

*O monsenhor baixa a cabeça.*

**CARDEAL**

Inesquecível. O senhor terá uma carreira fulminante na hierarquia da Igreja, monsenhor. **(pausa)** Pelo simples fato de saber agradar aos poderosos. **(pausa)** Agora venha beijar meu anel.

*Música intensa.*

*Luz cai em resistência até a escuridão.*

## CENA 6 - NO DISPENSÁRIO DE AGEN

---

1526.

**Dia.**

*Focos de luzes coloridas. Azulada aqui, avermelhada acolá. Vários lençóis brancos estendidos descem do teto. Eles estão manchados com tinta de diversas cores que formam estranhos desenhos.*

*A atmosfera é absurda, forte e colorida; trata-se do dispensário da peste em Agen.*

*Quatro vultos enrolados em “molambos” caminham pelo palco, formam espectros (expressão corporal) e gemem.*

*Música.*

**VULTO 1**

Ai! Ai! A peste negra!

**VULTO 2**

Mata a todos em Agen! Todos daqui se vão

**VULTO 3**

Aqui não há salvação! Todos daqui se vão!

**VULTO 2**

Ai! Ai! Morte lenta e desalmada.

**VULTO 1**

Sinto calafrios e tenho visões de horror!

**VULTO 3**

Que Deus é esse, que tanto mal nos deu?

**VULTO 2**

Sangue, febre e vertigem. Ai! Ai! É a peste de Agen!

**TODOS**

Mata todos em Agen! Mata todos em Agen! Ai! Ai! Agen! Todos morrem em Agen! Agen. Agen. Agen.

*Cada vulto se recolhe num canto do palco, próximo a um lençol.*

*Entra Nostradamus, coloca uma mesinha de três pés e um banquinho no centro do dispensário, senta-se e começa a escrever com uma pena de ganso.*

**NOSTRADAMUS (escrevendo)**

Depois de três meses de profunda observação, começo a por em prática um novo método terapêutico que me parece atuar de forma eficaz contra a peste negra. **(pausa)** Esse tratamento, inventado por mim, consiste no uso de uma infusão composta de cogumelo macerado com *Herbas azulis* e *Mageronis compostus*. **(pausa)** A limpeza das feridas deve ser feita diariamente com água corrente e *Fibrus talicus*. **(pausa)** Ah! E, como suspeito que a peste seja transmitida pelo ar, todos na cidade devem usar um buçal de folhas de rosas, todos os lugares devem ser enfumaçados sete vezes ao dia e todos os roedores, cães e gatos devem ser incinerados, pois seus odores poluem o ar. **(pausa)** Os doentes devem se banhar duas vezes por semana e se nutrir, de preferência, de fígado cru. Seja de galinha, ganso, carneiro ou vaca. Porco jamais.

*Um dos vultos se aproxima.*

*Nostradamus leva ao rosto um chumaço de pano, seu próprio buçal.*

**NOSTRADAMUS**

Melhorou?

**VULTO 1**

O quê?

**NOSTRADAMUS**

Perguntei se melhorou.

**VULTO 1**

Vou como Deus quer. Essa noite tive febre.

**NOSTRADAMUS**

Vomitou também?

**VULTO 1**

Bem... Sim, doutor... Mas só depois daquilo.

**NOSTRADAMUS**

Daquilo o quê?

**VULTO 1**

Não compreendi!

**NOSTRADAMUS**

Perguntei o que você fez para vomitar!

**VULTO 1**

Sei que o doutor não vai gostar, mas... Bebi minha urina.

**NOSTRADAMUS**

Ah! É sempre o mesmo problema! Já disse que não devem beber urina nem esfregar fezes nas feridas. **(pausa)** Agora vá se banhar e coma quatro ovos crus. **(pausa)** Vá.

*O vulto se afasta com uma reverência.*

**NOSTRADAMUS (volta a escrever)**

A estupidez humana e a falta de disciplina são os maiores aliados da peste de Agen.

*Julius entra em cena. Todo coberto, com um capuz e envolvido numa capa.*

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Outro paciente! Sim? O que foi, agora?

**JULIUS**

É... Estou todo trêmulo.

**NOSTRADAMUS**

Qual é o problema? Passou fezes nas feridas?

**JULIUS**

Não...É...É que estou me borrando de medo por causa dessa peste. Desse lugar. Não quero morrer, Michel!

*E Julius tira o capuz.*

**NOSTRADAMUS**

Julius!

*E sorrindo Nostradamus se levanta e tenta abraçar Julius.*

**NOSTRADAMUS**

Que bom te ver, meu amigo.

*Julius reage violentamente, afastando Nostradamus.*

**JULIUS**

Sai! Amigo nada! Seu perverso! Filho de Satã. Por causa da sua loucura fui preso, torturado e banido de Avignon!

**NOSTRADAMUS**

Então saldei minha dívida quanto à nossa amizade. Estamos quites!

**JULIUS**

Quites!?

**NOSTRADAMUS**

É. Pois provavelmente a sua cabecinha prodigiosa deve ter concordado em tudo o que o Cardeal imaginou... Digamos... Fui acusado e condenado por realizar rituais escabrosos onde um homem com seis dedos na mão, pele escamosa e escura até o umbigo, com um olho só, possuindo tetas de donzela, um ventre de asno enorme, uma perna de boi e cascos de camelo, aparece nas franjas da noite para, tão somente, sorver o sangue de crianças, que foram previamente degoladas por mim, é claro, e me instruir sobre a pequenez de Deus e a grandiosidade abissal dos desvarios da Igreja.

*Tempo.*

**JULIUS**

Como sabe?

**NOSTRADAMUS**

Puro exercício mental. **(pausa)** Assim eu o trapaceei com o livro e seu caráter me traiu com mentiras. **(tom)** Estamos quites. Ou não?

**JULIUS**

É. Sua lógica faz sentido.

**NOSTRADAMUS**

A amizade... Sabe que sempre que penso nesse assunto acabo preferindo a amizade de um animal. É mais autêntica e não traz desilusões.

**JULIUS**

Quer dizer que me considera assim como um animal doméstico... Como um cão?

**NOSTRADAMUS**

Mais precisamente um asno, que é mais inteligente que um burro e infinitamente mais esperto que um cavalo.

**JULIUS**

Calhorda! Cínico! Me ofende e me humilha porque sabe que não tenho escolha na vida. Ou o sigo pelo mundo, ou morro esgarçado numa roda de ferro.

*Nostradamus começa a rir.*

*Instantes.*

**JULIUS**

Não vejo graça nenhuma! Por que ri?

*Nostradamus se aproxima com os braços abertos.*

**NOSTRADAMUS**

Vem! Me abrace, Julius. A vida aqui em Agen vai se tornar muito mais interessante com a presença de um cúmplice.

**JULIUS**

Sai! Não se aproxime! Não quero me contaminar.

**NOSTRADAMUS**

Contaminar?

**JULIUS**

A peste! É terrível morrer de peste. E eu não vou morrer de peste, não. Vou me isolar numa casa do outro lado do rio e de lá não sairei jamais.

**NOSTRADAMUS**

Eu disse cúmplice, Julius. Cúmplice. Ando cheio de idéias, fiz algumas experiências e se nós trabalhássemos juntos... Penso que... Talvez.

**JULIUS**

Pensa que é Deus? É isso? **(tom)** Ninguém nunca debelou uma peste, Michel. E não vão ser seu atrevimento nem sua pretensão que vão conseguir o impossível.

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Penso que... Talvez se trabalhássemos juntos... Nós vamos descobrir, tenho certeza... Por favor, me ajude.

**JULIUS**

Não! **(pausa)** Não conte comigo!

*E Julius sai.*

*Instantes.*

*Nostradamus, cabisbaixo, volta para sua mesa.*

*Sabina se aproxima silenciosamente, cabisbaixa e abatida.*

**NOSTRADAMUS**

Sabina. **(pausa)** O que faz aqui? Eu te proibi de pôr os pés no dispensário!

**SABINA**

Jean piorou.

*Pausa.*

**SABINA**

Não te entendo; um homem com teu saber... Será que não enxerga mais? **(pausa)** Nossos filhos estão contaminados, Michel.

**NOSTRADAMUS**

Não! Tenho certeza de que meu tratamento está correto. Todos vibram, a cidade melhora a olhos vistos e não há possibilidade de minha família vir a sofrer do mal em que sou a maior autoridade! Ouviu bem? Ouviu? **(alto) (longa pausa)** Por que não está usando seu buçal de rosas?

*Tempo.*

**SABINA**

Porque sangro e tenho calafrios. Para que serviria cheirar rosas?

*Sabina pega o buçal sobre a mesa e oferece a Nostradamus.*

**SABINA**

Use o buçal quando falar comigo. Quando entrar em casa. Quando tocar em seus filhos.

*Nostradamus segura o braço de Sabina.*

**SABINA**

Me deixa, Michel!

**NOSTRADAMUS**

Não posso viver sem você. Sem as crianças... Sou como o lobo; só conheço um amor. Uma paixão. **(pausa)** Sou fiel a você até na solidão. **(pausa)** Não dependo do cio como os cavalos e os coelhos. Dependo de uma única vibração, tua presença. **(pausa)** Não se vá, Sabina. Não se vá...

**SABINA**

Foi você quem quis assim.

*Sabina se solta de Nostradamus.*

**NOSTRADAMUS**

Não! Foi o destino que nos trouxe a Agen. E ele me disse que estaríamos a salvo aqui, que eu seria perdoado pelo Cardeal e reconhecido como um grande médico.

**SABINA**

Pois, se foi assim, ele te enganou. **(pausa)** Acorda! Não existe destino, Michel! Existe é a vontade de cada um. Cada pessoa determina seu próprio passo. **(pausa)** (Sabina leva a mão ao ventre) Sangro. Sinto que sangro. Sangro. Sangro...

*Sabina se contorce e cai.*

*Nostradamus se aproxima aflito e se abraça a Sabina.*

**NOSTRADAMUS**

Sabina! Sabina! Diga que é mentira! Não vejo sangue nenhum!

*Entra Julius com o crucifixo de prata nas mãos.*

**JULIUS**

Voltei porque me esqueci de lhe entregar o crucifixo...

*Sabina se vira para Julius.*

**SABINA**

Ah! Doutor Julius!

**JULIUS**

...Madame Sabina...

*Sabina se levanta ajudada por Nostradamus. Nostradamus faz um sinal para Julius.*

**NOSTRADAMUS**

Ele chegou hoje, Sabina. Veio ajudar no meu novo tratamento. Vê! Todos acreditam em mim.

*Sabina está em pé.*

**SABINA**

Ah! Agora a peste está completa. Chegou a decomposição sem agonia.

**JULIUS**

Seu ódio é infundado, madame.

**SABINA**

Mas é profundo, doutor. Tão grande quanto os livros e idéias que o senhor incute em meu marido.

**NOSTRADAMUS**

Suplico, Sabina, não leve o ódio para o centro do seu ser.

**SABINA**

Por quê? Por que não?

**NOSTRADAMUS**

Ele cria raízes, meu amor.

**SABINA**

Então é hora de colher os frutos!

*E Sabina cospe no rosto de Julius.*

*Tempo.*

*Julius limpa o rosto.*

**JULIUS**

É bom lembrar, madame, que eu também sou uma vítima das artimanhas de seu marido. Tal qual a senhora e seus filhos.

**SABINA**

Não! O doutor é o mentor. **(tom)** O que veio fazer aqui?

**NOSTRADAMUS**

Sabina! Cala! Já disse mil vezes que Julius não é o culpado! Será que seu pensamento só escuta os murmúrios da obsessão?

*Tempo.*

**SABINA**

Não... Ele também navega perdido nas fendas do meu desespero.

*Sabina enfia a mão nas vestes, por instantes, e volta com a mão totalmente manchada de sangue. Mostra-a para todos.*

**SABINA**

Sangue. Sangue.

*Nostradamus se encolhe e começa a chorar.*

*Tempo.*

*Julius perplexo.*

*Sabina se vira para Julius.*

**SABINA**

O senhor, que já traz no corpo minha saliva doente, quer um pouco de sangue?

*Julius se agita e começa a se limpar.*

**JULIUS**

Ai, meu Deus! Meu Deus! Ela quer me matar! É a peste! A peste! Já sinto os bichinhos comendo minha carne! A saliva dela está cheia de peste!

*Julius, aflito, caminha pelo palco.*

*Instantes.*

**SABINA**

Bem-vindo a Agen, doutor Julius.

*Sabina sai.*

*Nostradamus, ainda recolhido, chora, triste.*

*Julius puxa uma terrina de madeira e começa a se lavar. Primeiro o rosto, depois as mãos; ele não sabe o que faz, pois está desesperado.*

**JULIUS**

Água! Água! Me limpa! Me limpa! Que mal eu fiz a Deus para merecer tanto castigo, meu Senhor? Maldito livro.

*Instantes.*

*Os vultos começam a gemer baixo.*

**NOSTRADAMUS**

Deus! Não quero viver esse momento! Me leve para outro tempo! Me leva daqui!

*Mudança de luz.*

*Uma lufada toma conta da cena.*

*Os panos começam a esvoaçar, sacudidos pelo vento.*

*Todos estáticos.*

*Silêncio.*

*Nostradamus se levanta.*

**NOSTRADAMUS**

Julius! Me traga a terrina d'água!

*Julius parado.*

**NOSTRADAMUS**

A água, Julius! **(alto)** É uma ordem!

*Julius corre com a terrina d'água para Nostradamus, um vulto traz o livro De Mysteriis Egyptorum e outro entrega uma varinha para Nostradamus.*

*Nova mudança de luz.*

*Nostradamus agora segura sua varinha, se asperge com a água e inicia o ritual.*

**NOSTRADAMUS**

A Deo, a Natura! **(alto)** A Deo, a Natura.

*Ouvem-se trovões. Vê-se um relâmpago.*

*Os vultos começam a gemer alto.*

*Julius se ajoelha e recolhe, contrito.*

#### **NOSTRADAMUS**

*Iamblichus! Dies Manibus! Triangulum Majus! Issachar! Dies Manibus! Dies Manibus! Mostre que minha família será salva! Imediatamente! Agora! Já.*

*A varinha começa a oscilar.*

*O praticável se acende e vemos Sabina com a veste toda manchada de sangue, ao seu lado dois corpos de crianças envoltos em trapos. Ela segura um candeeiro.*

#### **SABINA**

Nostradamus! Aqui termina o meu caminho! Eu e teus filhos morreremos queimados pelo fogo do meu candeeiro. Pois assim desejo, assim quero e assim não foi escrito.

*O praticável se acende e vemos Sabina com a veste toda manchada de sangue, ao seu lado dois corpos de crianças envoltos em trapos. Ela segura um candeeiro.*

#### **NOSTRADAMUS**

Não... Não... Não... Não quero ver... Sabina, não faça isso!

#### **SABINA**

Nostradamus! Aqui termina o meu caminho!

*Sabina baixa o candeeiro sobre os corpos das crianças. Imediatamente labaredas e espessa fumaça avermelhada envolvem os corpos e Sabina.*

*Fogo toma conta do praticável.*

*A visão é dantesca.*

*Sabina berra e desaparece.*

#### **NOSTRADAMUS**

Eles vão morrer pelas mãos de Sabina, minha mulher... É inevitável que eles morram assim, mesmo que Sabina pense que foi por sua vontade... Sabina apenas cumprirá o que está determinado. **(pausa)** Ela não vai aguentar ver os filhos sofrendo nem se ver sofrer, pobrezinha... E, por sua vontade e desejo, ela cumprirá o que está escrito... Ah! Então é assim que acontece. E não poderei fazer nada; porque esta é a minha sina. **(pausa)** Então, é verdade que existe destino, sina? **(pausa)** Tudo está escrito? **(pausa)** E quem determina e dirige os acontecimentos? Deus? A Providência? **(pausa)** Então a vida de cada indivíduo, cada povo, a história da humanidade inteira obedece a um determinismo?

*Subitamente a varinha na sua mão se acende **(brilha)** e começa a oscilar.*

*Nostradamus se agarra ao livro.*

*Vozes dos vultos ao máximo.*

*Julius chora.*

## **NOSTRADAMUS**

Ah! Eu não quero ter mais surpresas na vida; não quero sofrer nunca mais nem me apaixonar em vão. **(pausa)** Quero dominar o tempo, *Dies Manibus!* **(pausa)** *Dies Manibus! Dies Manibus!* Minha vontade é conhecer todos os tempos. Saber tudo o que foi escrito para mim! **(pausa)** Quero ver o livro onde Deus prenuncia o que fatalmente vai acontecer! **(pausa)** *Dies Manibus*, me mostre o Livro do Futuro! Quero conhecer a infinidade de cada minuto e saber como cada minuto é parte integrante do infinito.

*Nostradamus olha para a terrina, onde a água adquire uma estranha luminosidade esverdeada.*

*A varinha em sua mão oscila rapidamente e brilha intensamente.*

*E, no fundo do palco, uma roda enorme se apresenta. A roda possui forte luminosidade, gira cada vez mais rapidamente e emite raios e facho de luzes cintilantes.*

*É a roda do tempo em seu total esplendor.*

*Instantes.*

*Outra mudança de luz.*

## **NOSTRADAMUS**

Deus! Deus!... Eu estou vendo a roda do tempo em seu esplendor e fulgor. Ela gira, gira, gira... A roda do tempo... Eu estou lendo o Livro do Futuro!... O tempo começa a passar rápido... Mas não existe mais volta?... Deus!... Sinto. Não existe mais volta... **(gemo)** Ah! Ah! De agora em diante o presente se acabou para mim. Deus.Deus! *Dies Manibus*, por que me fizeste prisioneiro do futuro? Por quê? **(choro)** Sou prisioneiro do futuro... Já não quero mais... Mas serei para sempre prisioneiro do futuro. **(berra)**

*A roda com seus raios e facho girando, a varinha brilhando, os panos esvoaçando, a terrina iluminada e a espessa fumaça envolvendo o praticável.*

*Nostradamus agarrado ao livro.*

*Coro de vozes.*

*Música.*

*Cai o pano.*

***Fim do 1o. ato.***

# NOSTRADAMUS

SEGUNDO ATO

NO CAIRO  
EM ROMA  
EM SALON  
EM PARIS

## CENA 7 - NO INTERIOR DA PIRÂMIDE

---

**Cairo - 1536.**

**Noite / Dia**

*Tudo escuro.*

*Abre-se o pano.*

*Dez anos se passaram.*

*Entra Julius segurando um candeeiro, que só ilumina seu rosto e braços.*

**JULIUS**

Nostradamus! Nostradamus!

*Julius caminha.*

**JULIUS**

Onde se meteu? Nostradamus!

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Aqui!

**JULIUS**

Aqui, onde? Por Cristo!

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Aqui em cima! No andaime, Julius!

**JULIUS**

No andaime!?! De novo! Nostradamus, você já caiu duas vezes aí de cima. Você não é mais criança, sabia?

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Sou um homem de quarenta e cinco anos, provavelmente já devo saber o que quero da vida.

**JULIUS**

É. Provavelmente quer cair de novo do topo da pirâmide, berrar que quebrou uma perna, fazer eu me arrebentar colocando uma tala na dita cuja quebrada e depois rir na minha cara, me chamando de incompetente.

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Ah! Esse dia foi memorável. Até os árabes acreditaram!

**JULIUS**

Os árabes acreditam em tudo. Idiota, essa gente! Pensam até que Nostradamus é um príncipe porque sabe trechos do Alcorão.

**NOSTRADAMUS (OFF)**

E foi justamente por isso que a permissão foi concedida.

**JULIUS**

Permissão totalmente dispensável. Quem é que neste mundo de Deus quer viver dentro de uma pirâmide?

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Dois fugitivos da Inquisição. Lembra?

**JULIUS**

Ah! Me deu até um arrepio.

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Chame os árabes!

**JULIUS**

Para quê?

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Amanhece. Quero descer e ver o espetáculo.

**JULIUS**

Que espetáculo?

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Acabei de limpar as últimas frestas do paredão rochoso. O sol entrará pelos quatro lados da pirâmide, iluminando os hieróglifos. **(tom)** Chame os árabes!

**JULIUS**

Mas será que ainda não percebeu que não aprendi a falar árabe? **(tom)** Língua desgraçada!

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Diga qualquer coisa! Preciso descer.

**JULIUS**

A frase serve?

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Quero descer, Julius!

*Instantes.*

*Julius se prepara.*

**JULIUS**

Alá... A Alá... Como é mesmo?

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Ala Alá! La Alá! **(pausa)** Não existe maior Deus que Deus!

**JULIUS**

É. Não existe maior Deus que Deus. **(pausa)** La Alá! La Alá! **(alto)** **(repete)**

*Tempo.*

*Um grupo de árabes entra em cena portando candeeiros.*

*Instantes.*

**JULIUS**

Ah! Chegaram! **(tom)** Nunca vi tanta eficiência. É só falar em Alá que eles se ataçam como formigas. Deve ser muito bonzinho esse Deus deles... **(pausa)** **(tom)** O andaime! A corda! Sua Sublimidade, o príncipe Nostradamus, quer baixar do pico da pirâmide para a terra dos mortais.

**NOSTRADAMUS (OFF)**

Depressa! Amanhece!

*Julius gesticula.*

**JULIUS**

Vamos! Depressa! A corda! Do outro lado do paredão! É para baixar, não se esqueçam desse pequeno detalhe!

*Os árabes saem.*

*Instantes.*

*Um andaime feito de madeira tosca e sustentado por cordas vai baixando lentamente.*

*Nostradamus, tendo roupa, cabelos e face salpicados de um pó branco (rochoso), vem descendo sobre o andaime.*

*Concomitante e paulatinamente, frestas de luzes cada vez mais intensas atravessam o palco e iluminam de chofre um majestoso paredão rochoso coberto de hieróglifos, desenhos e figuras egípcias em dourado e azul.*

*O paredão é enorme, inclinado sobre o palco, e corta o espaço cênico, dando corpo ao interior da pirâmide.*

*O andaime pousa no chão.*

*Instantes.*

*Amanheceu; é dia*

*Nostradamus se limpa do pó.*

**NOSTRADAMUS**

Não construa um castelo de suspeitas sobre uma palavra, Julius.

**JULIUS**

O que está dizendo? Que palavra?

**NOSTRADAMUS**

Estou tentando te explicar que Deus é eterno, infinito e é sempre o mesmo. Porém é adorado e reverenciado de forma diferente de acordo com a época. Aliás, alguma dessas formas de veneração foram e são bem estúpidas, por sinal.

**JULIUS**

E por que não venera seu Deus Jesus?

*Tempo.*

*Nostradamus não responde.*

**JULIUS**

Por que nunca aceitou ou segurou isto aqui?

*Julius tira de uma sacola o crucifixo de prata enviado pelo monsenhor Felice.*

**JULIUS**

O crucifixo de prata. Enviado pelo monsenhor.

*Tempo.*

*Nostradamus se dirige ao paredão.*

**NOSTRADAMUS**

Tenho muito trabalho no paredão. Essa escrita... Quero saber que significado oculto ela possui.

**JULIUS**

Eu te fiz uma pergunta, Nostradamus.

*Tempo.*

*Nostradamus algo aflito; Julius percebe.*

**NOSTRADAMUS**

Aguardo o dia em que monsenhor Felice vá me presentear pessoalmente com o crucifixo. Assim terei certeza de que fomos finalmente perdoados.

*Tempo*

**JULIUS**

Que segredo agora esconde de mim, Nostradamus?

**NOSTRADAMUS**

Nenhum... Talvez você esteja captando minha perplexidade frente a esse paredão indecifrável.

**JULIUS**

O livro. Onde está o livro?

**NOSTRADAMUS**

Não toco no livro faz dez anos! Dez anos! E não permito que duvide de minha palavra! O livro está trancado no baú, como sempre.

*Instantes.*

*Julius aponta o baú num dos cantos da pirâmide.*

**JULIUS**

E como é que o baú chegou até aqui? Ele devia estar na cabana do deserto, onde sempre esteve.

**NOSTRADAMUS**

Ah! Está aqui? É mesmo. Que surpresa! Como a areia do deserto é traiçoeira, não é? Um pozinho de nada que, soprado pelo vento, é capaz de mover pirâmides. Um assombro.

*Instantes.*

*Julius se emociona, num misto de raiva e autopiedade.*

**NOSTRADAMUS**

Só existe um Deus e Ele é uno! **(tom)** Se despreza Alá, está também desprezando seu próprio Deus.

**JULIUS**

Meu Deus é composto de uma Santíssima Trindade e bem diferente do Deus dos árabes.

*Nostradamus aponta para o paredão cheio de hieróglifos e figuras.*

**NOSTRADAMUS**

Olhe para o paredão.

**JULIUS**

O que tem?

**NOSTRADAMUS**

É lindo. Magnífico. Soberbo. São mensagens atiradas no tempo através de presságios inscritos na pedra bruta.

**JULIUS**

E daí?

**NOSTRADAMUS**

Ah! Eu me esqueci. Perdão. Seu Deus nasceu depois. No tempo dos egípcios antigos, Jesus não existia ainda. Ou melhor. Era um projeto de Deus.

**JULIUS**

Blasfêmia, não!

*Tempo.*

**JULIUS**

Nunca mais verei a França! Nunca serei perdoado! Nunca mais beberei de um bom vinho nem deitarei com uma mulher cheirosa... E tudo em nome da sua teimosia e dessa sua capacidade maldita que destrói sonhos e só ocasiona desgraças.

**NOSTRADAMUS**

Não se altere tanto, Julius. Não vejo razão para isso!

**JULIUS**

Não vê? Só enxerga o que lhe convém, não é? **(pausa) (tom)** Então não sabe que toda vez que chama esse tal de *Iamblichus, Dies Manibus* ou o diabo em pessoa, nosso perdão, meu perdão, fica uma titica a mais impossível!

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Não toquei no livro propriamente dito... Me dedico a um outro tipo de investigação.

**JULIUS**

Qual?

**NOSTRADAMUS**

Acho que foram esses hieróglifos que me inspiraram...

**JULIUS**

Vá à merda! O livro! Vou acabar com ele!

*Julius corre para o baú.*

*Nostradamus corre e impede Julius. Ambos juntos, próximos ao baú.*

**NOSTRADAMUS**

Não! Pelo amor de Deus, não! Você não vai suportar!

**JULIUS**

O livro! Vamos acabar com ele! Acabar com a maldição!

**NOSTRADAMUS**

Ainda não é hora. Por favor!

**JULIUS**

Foi em Agen. Você fechou o baú. Mas eu nunca vi o que tem dentro. Por quê?

**NOSTRADAMUS**

Nós juramos nunca mexer nessas coisas.

**JULIUS**

Que coisas?

**NOSTRADAMUS**

Não vou deixar você abrir o baú.

*Julius corre para o baú e tenta abri-lo.*

*Por fim Julius abre o baú.*

*Julius se afasta, perplexo e atônito.*

*Uma estranha luminosidade azulada emana do baú aberto.*

*Julius se afasta do baú, desesperado.*

**JULIUS**

Não... Não... Isso não...

*Mudança de luz.*

*Julius rodopia pelo palco com as mãos na cabeça.*

**JULIUS**

Não... Isso não...

*Julius, no centro do palco, abre os braços e chora.*

**JULIUS**

Alá! (alto) Alá me proteja. Alá!

*Entra o grupo de árabes.*

*Instantes.*

*Luz cai em resistência.*

*O andaime sobe.*

*Música.*

## CENA 8 - NO INTERIOR DA PIRÂMIDE

---

**Cairo - 1536**

**Sol poente.**

*Um outro dia.*

*O baú aberto no centro do palco, emanando sua estranha luminosidade azulada.*

*Vemos Nostradamus junto ao baú.*

*No paredão ornamentado os raios do sol poente resplandecem.*

**NOSTRADAMUS**

O sol se põe, uma agradável névoa muito leve cobre o horizonte por inteiro e o deserto se mostra de um jeito manso e ilusoriamente avermelhado. O deserto. O deserto é um mar de areia compacto e complacente. Mas já te falei sobre isto... Ah! O sol entrou pela pirâmide adentro, por fim desobstruí todas as frestas e rompi o lacre negro que guardava o paredão da luz. Os raios quentes e brilhosos chegaram inclinados como um flagelo de açoites de metal sobre as inscrições... Mas você viu, não viu?... É tão bom sentir que eu iluminei o eterno. Essa pirâmide é tão eterna quanto você. Para mim a eternidade é uma ilusão, para você é a realidade. Venha... Venha... Venha conversar comigo... Venha me ensinar sobre o eterno, Sabina.

*E Nostradamus traz de dentro do baú o manto de Sabina e conversa com ele.*

**NOSTRADAMUS**

Pela última vez te peço, Sabina... Venha do eterno e me instrua! **(alto)**.

*Tempo.*

*Nostradamus se acalma.*

**NOSTRADAMUS**

Está decidido... Vou te enterrar. Seus ossos e os esqueletos das crianças. No deserto. **(tom)** Sei que foi desatino permanecer com o corpo insepulto da minha família por esses anos a fio... Mas precisava, preciso, desejo mais que nunca conhecer o eterno. Já que sou prisioneiro do futuro quero domar meu algoz! Poder mudar a história, os fatos e manipular o tempo. **(tom)** Sim. Essa sublime ambição só você pode me proporcionar. Venha. Venha, Sabina.

*Tempo.*

*Primeiro Nostradamus segura o manto de Sabina com ambas as mãos.*

*Instantes.*

*Depois aproxima devagar de seu próprio rosto e beija-o com ardor.*

*Instantes.*

*Por fim baixa o manto, coloca-o no chão e se encolhe, cobrindo-se com a própria capa.*

**NOSTRADAMUS**

Que vergonha. O que foi que eu fiz! Me aproximei do mórbido por conta do absurdo. Que vergonha. Me lancei no macabro em nome do saber. Que vergonha.

*Nostradamus tem a cabeça totalmente coberta.*

*Subitamente o paredão se torna transparente e uma luz em seu interior se acende vigorosamente. E então vemos Sabina envolta numa esvoaçante túnica.*

*Instantes.*

**SABINA**

Éramos jovens e sabíamos que éramos jovens, porém não aceitávamos isso como uma dádiva. **(tom)** Ser prisioneiro do futuro é um privilégio que se você não aceitar se perderá.

**NOSTRADAMUS**

Sabina!

*Nostradamus se levanta atônito e se lança sobre o paredão, tentando alcançar Sabina. Mas é impossível atravessar o paredão transparente.*

**NOSTRADAMUS**

Sabina! Preciso de seu corpo! Quero te beijar, me sentir dentro de seu ventre e me envolver em seu busto. Sabina! Morro de desejo! O desejo, Sabina! O nosso desejo!

*Sabina ri.*

*Instantes.*

*Nostradamus se aquieta.*

**NOSTRADAMUS**

Rindo? Rindo do meu desejo, Sabina? Por quê? **(pausa)** No eterno não há desejo? Só a paz dos sentidos?

**SABINA**

E quem te disse que eu vim do eterno? Talvez venha de você. Talvez seja sua visão.

**NOSTRADAMUS**

De mim?

**SABINA**

Sempre fui tão submissa frente a você e sua vontade de mandar tão grande, que até na febre do eterno você veio buscar consolo para a minha falta. **(tom)** Mas o eterno não se abrirá ao seu mando, Nostradamus?

**NOSTRADAMUS**

Só serei prisioneiro do futuro, então?

**SABINA**

Prisioneiro do futuro e acorrentado pelos elos da vida.

**NOSTRADAMUS**

O que isso quer dizer?

**SABINA**

As profecias. Cada uma delas só será aceita e compreendida depois do acontecido ter se realizado, e mesmo assim nem todos os homens compreenderão seu significado.

**NOSTRADAMUS**

Isso é um castigo!

**SABINA**

Não, Nostradamus. **(tom)** Isso é a profecia das profecias. **(pausa)** É assim que o eterno funciona.

*A luz no interior do paredão vai caindo em resistência.*

**NOSTRADAMUS**

Sabina! Sabina! Não se vá! Sabina!

*Ouve-se um ranger de madeira.*

**SABINA**

Um terceiro nos observa, Nostradamus.

*Nostradamus fecha rapidamente os olhos.*

**NOSTRADAMUS**

Vejo. Estou enxergando! É Julius no alto do andaime nos espiando.

*Novamente ouve-se o ranger. Mais intenso.*

**SABINA**

E o andaime? O que acontece com o andaime?

**NOSTRADAMUS**

O andaime vai cair! Está caindo! Julius vai despencar lá de cima com o andaime e vai morrer! Julius vai morrer! Julius!

*A luz no interior do paredão se apaga completamente. Nostradamus abre os olhos.*

*E o andaime com um corpo sobre ele despenca, súbito, barulhento, cataclísmico, e se espatifa no chão do fundo do palco. Uma onda de poeira toma conta do palco.*

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Julius morreu.

*Instantes.*

*Entra Julius, esbaforido, com o grupo de árabes.*

**JULIUS**

O andaime! Como aconteceu?

*O grupo corre para o andaime e recolhe o corpo de um árabe. Julius examina o cadáver.*

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Mas, como? Não era você? Você não morreu, meu amigo?

*Mudança de luz.*

*Os árabes se juntam em torno do companheiro morto.*

**JULIUS**

Eu!?! Claro que não! Foi Hassan que morreu. Coitado.

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Impossível...

**JULIUS**

Impossível, nada! Foi você mesmo que disse que ele seria papa. Estamos salvos! Salvos, Nostradamus!

*Nostradamus caminha pelo palco.*

**NOSTRADAMUS**

Mas erro. Eu descobri que erro... Agora sei que erro.

**JULIUS**

Tolice! Felice vai ser papa. **(pausa) (tom)** Ou não?

*E Julius retira de sua capa o crucifixo de prata.*

*Nostradamus se aproxima dos árabes, eles se afastam e Nostradamus se debruça sobre o cadáver.*

*Instantes.*

*Nostradamus suspende a cabeça do árabe morto, retira-lhe o turbante e então vemos surpreendentemente, o rosto do Cardeal Narbona.*

*O cadáver é o próprio Cardeal Narbona.*

**NOSTRADAMUS**

Narbona! É Narbona!

*Julius se aproxima.*

**JULIUS**

Que Cardeal!?! O que está dizendo? Enlouqueceu? Esse homem é Hassan, o ajudante de Abdala.

**NOSTRADAMUS**

Não! É Narbona.

**JULIUS**

Está delirando. É a febre do deserto.

**NOSTRADAMUS**

Não! É Narbona! Estou vendo.

**JULIUS**

É uma alucinação, Nostradamus! Esse pobre coitado se chama Hassan.

**NOSTRADAMUS**

Não!

*Tempo.*

*Silêncio.*

**NOSTRADAMUS**

O Cardeal Narbona acaba de morrer. Ele foi envenenado, Julius.

*Luz cai em resistência.*

*Música.*

## CENA 9 - NA SALA DOS MAPAS

---

**Vaticano - 1546**

**Dia.**

*Dez anos depois.*

*A guarda pessoal do Papa, a guarda suíça, ladeia o cenário. (dois guardas de cada lado).*

*Vários painéis, contendo enormes mapas antigos, cortam o espaço cênico, armam um labirinto colorido e rococó e formam o corpo da sala dos mapas do Vaticano.*

*Luz. Aproveitando os painéis, é jogada de tal modo que permite zonas de sombra e outras em claridade. O jogo do claro-e-escuro reforça a sensação de que estamos num labirinto.*

*Instantes.*

*Julius se apresenta, dez anos mais velho, e, ato contínuo, se ajoelha.*

**JULIUS**

Santidade, Papa Xisto V!

*Monsenhor Felice Peretti, agora Papa Xisto V, sai da sombra e é envolvido pela luz.*

**PAPA**

Faz vinte anos. Vinte anos que não o vejo, doutor Julius. (tom) O seu rosto. Em cada ruga percebo um sofrimento, mas no todo as feições se mantêm inalteradas. A máscara que cobre seu rosto é verdadeira, doutor. E ela se chama ingenuidade. (pausa) (tom) Pode se levantar.

*Instantes.*

**JULIUS**

Vossa Santidade salvou minha vida por duas vezes. Primeiro naquele calabouço e agora concedendo o perdão da igreja e me permitindo retornar à França.

**PAPA**

Tudo foi arranjado. Aqui está o decreto de minha indulgência.

*E o Papa passa um papiro para Julius.*

**JULIUS**

Deus o abençoe, Santidade. Pelo resto de meus dias rezarei para que seu reinado seja marcado pela presença de Cristo e iluminado pelo Espírito Santo. (pausa) (tom) E Nostradamus disse que vou viver muito.

*Reação do Papa.*

**PAPA**

Disse, Santidade... É... Ele está na ante-sala. O senhor não irá recebê-lo?

*Tempo.*

**PAPA**

O perdão para Nostradamus é diferente do seu.

**JULIUS**

Como assim, Santidade?

*O Papa e Julius caminham para a sombra.*

*Num outro claro do palco Nostradamus se apresenta; ele agora é um homem de cinqüenta e seis anos.*

*Nostradamus traz um papiro aberto nas mãos. Ele lê.*

**NOSTRADAMUS**

“E para que a indulgência seja completa o doutor Michel de Nostredame deve contrair núpcias...” Núpcias!? “...com Madame Anne Ponsart Gernelle, mui abastada e generosa viúva, cujos sólidos vínculos com Sua Majestade a rainha Catarina de Médicis permitirão que o referido médico prossiga seu trabalho sem ser molestado e sendo aceito pela corte de França...”

*Ouve-se um risinho histérico.*

*Entra Madame Anne Ponsart Gernelle, coberta da cabeça aos pés. Ela não fala, só responde com risinhos, e não se vê o seu rosto.*

*Nostradamus faz uma reverência.*

**NOSTRADAMUS**

Madame Anne Ponsart Gernelle, provavelmente!

*Outro risinho.*

**NOSTRADAMUS**

É... Sou o seu noivo, como já deve ser de seu conhecimento, desejo e aprovação.

*Outro risinho.*

**NOSTRADAMUS**

É. A situação deve ser muito engraçada, realmente... Porém devo avisá-la de que, apesar de meus cinqüenta e seis anos, continuo viril feito um garanhão, inquieto feito um sátiro, falador feito uma gralha e exigente feito uma ave de rapina. **(pausa) (tom)** Só me alimento do bom e do melhor, especiarias de preferência; durmo pelas tardes, roncando, naturalmente; e odeio ser incomodado com problemas de ordem doméstica. **(pausa)** Madame me aceita?

*Outro risinho.*

**NOSTRADAMUS**

Ah! Tomo banho de imersão, com as mais finas ervas, a cada três dias; não quero nem ouvir falar de seus parentes nem presenciar reuniões familiares; tenho um desprezo mortal por dias ensolarados, aniversários, datas cívicas e religiosas. Ah! Meu humor é instável feito um castelo de cartas, por vezes bebo demais e tenho frieira nos pés. **(pausa) (tom)** Madame me aceita?

*Outro risinho.*

**NOSTRADAMUS**

Ah! Percebo que madame não ri, cacareja de tanta felicidade!

*Outro risinho.*

**NOSTRADAMUS**

Como pode notar, se é capaz de tamanha façanha, sou tão irônico quanto sarcástico e a levarei ao choro um sem-número de vezes.

*Silêncio.*

*Madame não reage.*

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Quer dizer que madame não me aceita?

*Tempo.*

*Madame Anne dá um risinho final e longo, aceitando Nostradamus.*

**NOSTRADAMUS**

Ah! Aceitou! **(tom)** Para o altar, minha hiena de estimação!

*Nostradamus dá o braço a Madame Anne e eles desaparecem num canto escuro atrás de um mapa.*

*O Papa e Julius se apresentam num dos claros do cenário.*

*Julius aponta um dos mapas.*

*O Papa tem o crucifixo nas mãos.*

**JULIUS**

E atravessamos esse estreito, Santidade, cruzamos o planalto com grande dificuldade e alcançamos as montanhas. Depois chegamos ao...

**PAPA**

Por que ele nunca aceitou o crucifixo, Julius?

*Tempo.*

**JULIUS**

Por que não pergunta a ele, Santidade?

*O Papa caminha algo aflito, com o crucifixo nas mãos.*

**JULIUS**

Ele disse que só se sentiria perdoado se sua Santidade lhe desse o crucifixo... Em pessoa.

*O risinho de Madame Anne toma conta.*

*Julius sai de cena.*

*O Papa continua no mesmo lugar.*

*Rindo, Madame Anne corre entre os mapas e as zonas claras e escuras do palco.*

*Ela brinca de esconder com Nostradamus.*

**NOSTRADAMUS**

Madame Anne, a sala dos mapas é um verdadeiro labirinto. Madame Anne! Madame Anne!

*Nostradamus tenta encontrar Anne. Corre daqui para ali.*

**NOSTRADAMUS**

Minha querida e retardada noiva, essa brincadeira de esconder me parece extremamente infantil e enfadonha!

*Outro risinho.*

*E Madame Anne desaparece atrás de um mapa.*

**NOSTRADAMUS**

Se algum incauto me vir nesta ridícula e desnecessária situação vai me achar caduco, Madame Anne.

*E Nostradamus encontra o Papa.*

*Eles ficam frente a frente.*

*Instantes.*

*Nostradamus não se ajoelha.*

**NOSTRADAMUS**

Monsenhor Felice...

*Tempo.*

**PAPA**

Doutor Michel...

**NOSTRADAMUS**

Monsenhor... Sabia que recebi o perdão papal, acompanhado de uma série de ordens e deliberações?

*O Papa em silêncio.*

*Nostradamus tira o papiro da capa e mostra.*

**NOSTRADAMUS**

A saber... Devo me casar, porque Madame Anne vai me proteger da ira da coroa de França. Ah! Não devo, sob hipótese nenhuma, voltar ao Vaticano nem escrever ou fazer qualquer tipo de profecia sobre o papa Xisto V e seu reinado.

**PAPA**

E por que acha que o papa se comportou assim?

**NOSTRADAMUS**

Porque... Porque ele tem um medo profundo de mim. Simples, não é **(tom)** Sua Santidade pensa que sei de tudo e que sou infalível feito a Igreja de que agora ele é o senhor. Mas eu posso estar errado.

*Nostradamus se aproxima do Papa.*

**PAPA**

Não se aproxime. Agora sou o Papa!

**NOSTRADAMUS**

Pois para mim ainda é monsenhor.

**PAPA**

Posso acabar com você agora, Nostradamus! **(pausa) (tom)** Guardas!

*Os guardas se perfilam, mas não se movem.*

**NOSTRADAMUS**

O crucifixo. Me dê o crucifixo. Ele é meu. Foi presente do monsenhor Felice.

*Tempo.*

*O Papa, tenso e vagaroso, estende o crucifixo para Nostradamus.*

*Nostradamus, num movimento rápido, se agarra ao Papa violentamente.*

**PAPA**

Me solta! Socorro! Guardas!

*Nostradamus mantém o braço do Papa preso.*

**NOSTRADAMUS**

Jura! Jura! Jura perante esse crucifixo e o sangue de Cristo que o senhor não está envolvido no envenenamento do Cardeal Narbona!

*O Papa tenta reagir.*

**PAPA**

Está me machucando! Me solta!

**NOSTRADAMUS**

Jura! Diga que eu estou errado! Diga que no trono de Pedro não está se sentando um assassino! Jura!

*Tempo.*

**PAPA**

Juro...Juro... Eu juro que nunca me envolvi com o Cardeal Narbona nem participei de seu assassinato...

*Nostradamus solta o Papa.*

*Ato contínuo, Nostradamus se ajoelha e beija o anel do Papa.*

**NOSTRADAMUS**

Meu Papa! Minha Santidade! Santo Padre!

*O Papa recolhe sua mão como se ela tivesse sido picada por uma cobra.*

*Nostradamus continua de joelhos.*

**NOSTRADAMUS**

Seu pontificado será semeado pela justiça e conciliação.!

**PAPA**

Guardas! Guardas!

*Os guardas correm em direção de Nostradamus.*

**NOSTRADAMUS**

Sua Santidade será feliz e viverá até o dia em que...

**PAPA**

Cala! Não quero saber de nada!

*Os guardas cercam Nostradamus.*

*Madame Anne e Julius se apresentam e fazem uma reverência. Instantes.*

**PAPA**

Guarda! Acompanhe doutor Michel e seu grupo até a fronteira da França. Que a escolta se certifique de que ele deixou a Itália, como ordenado.

**NOSTRADAMUS**

Que Deus vos abençoe, Santidade.

*Instantes.*

*O Papa sai caminhando entre os mapas com o crucifixo nas mãos.*

*Música.*

*Luz cai em resistência até a escuridão total.*

## CENA 10 - NA CORTE DE FRANÇA (PARIS)

---

1566

Noite

*Vinte anos depois.*

*Música.*

*Desce um enorme lustre de cristal, todo iluminado e salpicado de velas.*

*Seis casais segurando máscaras dançam uma canção medieval.*

*Biombos laqueados e decorados com arranjos florais limitam o espaço.*

*A dança é interrompida de tempos em tempos, quando cada um dos casais separadamente se dirige para a boca do palco, retira a máscara e faz comentários ora entre si, ora para a platéia.*

*Instantes. Eles dançam. (uma espécie de minueto)*

*O primeiro casal se adianta para o proscênio.*

*Música cai de intensidade e os cinco casais restantes ficam estáticos, ao fundo, como se fossem estátuas.*

**MULHER 1**

Monsieur!

**HOMEM 1**

Madame! (**faz uma reverência**)

**MULHER 1**

Ele é terrível. Nem os padres se metem com ele. (**pausa**) Sabe de tudo, dizem. A história da França de trás para frente.

**HOMEM 1**

Prediz a fortuna e a desgraça de qualquer pessoa. Reis, rainhas, generais, bispos e camponeses!

**MULHER 1**

Para ele o futuro perdeu a graça. Um bruxo, ele.

**TODOS (EM CORO)**

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus! Oh! Oh!

*Voltam a dançar.*

*Instantes.*

*Agora é a vez do segundo casal: a mesma encenação se repete.*

**MULHER 2**

Monsieur!

**HOMEM 2**

Madame! (**faz uma reverência**)

**MULHER 2**

Ele mora em Salon há vinte anos! E de lá nunca saiu! Mora numa torre; é o que consta. Dorme de dia e trabalha de noite.

**HOMEM 2**

Um morcego.

**MULHER 2**

Voando, voando para o futuro.

**HOMEM 2**

Suas profecias são mais lidas que a Bíblia. E já chegaram até o reino da Inglaterra. Comenta-se que o embaixador da Alemanha, ao ler um verso... **(sua voz se perde)**.

**TODOS (EM CORO)**

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus! Oh! Oh!

*Voltam a dançar.*

*Instantes.*

*O terceiro casal se apresenta; a encenação se repete.*

**MULHER 3**

Monsieur!

**HOMEM 3**

Madame! **(faz uma reverência)**

**MULHER 3**

Ele vive destruindo sonhos e vontades.

**HOMEM 3**

Escreveu que um português dirá que, cega, a ciência a inútil gleba lavra.

**MULHER 3**

Que, louca, a fê só vive o sonho de seu culto.

**HOMEM 3**

Que a verdade na vida da humanidade nem vai nem vem; é o erro que muda.

**MULHER 3**

Um descrente, ele. Não acredita na fê nem na ciência, em nada.

**TODOS (EM CORO)**

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus! Oh! Oh!

*Voltam a dançar.*

*Instantes.*

*O primeiro casal volta ao proscênio.*

**MULHER 1**

Monsieur!

**HOMEM 2**

Madame! (**faz uma reverência**)

**MULHER 1**

Diz que a História não se repete e que o tempo não é circular nem elíptico, e muito menos espiralado.

**HOMEM 1**

Mas afinal o que é o tempo? O que é a História?

**MULHER 1**

Ele é um charlatão. Uma farsa.

**HOMEM 1**

Mas é o único até hoje que debelou uma peste. Um assombro, ele!

**TODOS (EM CORO)**

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus! Oh! Oh!

*Voltam a dançar.*

*Instantes.*

*O segundo casal volta a falar.*

**MULHER 2**

Monsieur!

**HOMEM 2**

Madame! (**faz uma reverência**)

**MULHER 2**

Ele viu o entardecer da Terra e a noite eterna. Um sonhador, ele.

**HOMEM 2**

Ele tem histórias divertidas, também.

**MULHER 2**

Uma vez um certo monsieur de Florinville, querendo testar os dons do referido médico...

**HOMEM 2**

Perguntou sobre o desatino de dois leitões.

**MULHER 2**

Pois ele não se fez de rogado e predisse sem dúvidas.

**HOMEM 2**

Monsieur! Comeremos o leitão preto e um lobo comerá o branco.

**MULHER 2**

Imediatamente o monsieur de Florinville ordenou ao seu cozinheiro que matasse o leitão branco e o preparasse para a ceia.

**HOMEM 2**

Imagine! Na hora da ceia o doutor afirmou que comia, como tinha predito, o leitão preto.

**MULHER 2**

Monsieur de Florinville riu de satisfação e mandou chamar o cozinheiro.

**HOMEM 2**

Assustado, o cozinheiro anunciou que tinha obedecido a seu dono, mas... Que grande tragédia! Um cão terrível e vadio...

**MULHER 2**

Chamado Lobo. Entrou na cozinha e roubou a carne.

*Risos.*

**HOMEM 2**

E então? Sem carne a ceia não ficaria.

**MULHER 2**

O cozinheiro matou o leitão preto e serviu ao monsieur e seus convivas.

**HOMEM 2**

Cumpriu-se assim, de livre-arbítrio, a premonição do médico.

**MULHER 2**

Um profeta, ele.

**TODOS (EM CORO)**

Oh! Oh! Nostradamus!

Oh! Oh! Nostradamus

Oh! Oh! Nostradamus! Oh! Oh!

*Música.*

*Os casais dançam.*

*Instantes.*

*Depois rearranjam os biombos, formam um novo ambiente e saem.*

*O lustre sobe e desaparece.*

*A luz cai.*

*O praticável vai se acendendo lentamente.*

*Música.*

## CENA 11 - NA CASA DE NOSTRADAMUS

---

**SALON**

**1566**

*Luz no praticável.*

*Temos a imagem de Nostradamus (mesma visão da cena III), de um homem alquebrado e velho. Tem o corpo retorcido pela artrite (principalmente as mãos), sofre de gota e está debruçado sobre uma mesa de três pés (de cristal), tendo a varinha, o candeeiro e a terrina de cristal com água.*

*Instantes.*

*Nostradamus emite uns muxoxos enquanto se dedica ao seu ritual.*

*De repente se levanta.*

**NOSTRADAMUS**

Cesar. **(pausa)** Cesar! Cesar! **(alto)** Onde você se meteu? **(pausa)** Diabo de menino.

*Cesar, seu jovem filho, se apresenta embaixo do praticável. Cesar boceja, se espreguiça e levanta.*

**NOSTRADAMUS**

Cesar!

**CESAR**

Que é, pai?

**NOSTRADAMUS**

Suba aqui!

**CESAR**

E isto é hora?!

**NOSTRADAMUS**

Preciso de você! Traga o cobertor!

*Cesar pega um cobertor e sobe para o praticável.*

**CESAR**

É sempre a mesma coisa. Chega a primeira luz do alvorecer, a artrite começa a doer, os dedos repuxam e o doutor Nostradamus se agita como se fosse o fim do mundo. Também, ele tem setenta e cinco anos! Um velho, ele.

*Instantes.*

**CESAR**

Por que não trabalha de dia como toda a gente, pai?

**NOSTRADAMUS**

Ora! Se meta com a sua vida! **(pausa)** Tenho lá minhas razões!

**CESAR**

Mas quem fica acordado sou eu!

**NOSTRADAMUS**

Pare de reclamar! Pois não faz mais que a obrigação filial. Afinal, quem te colocou neste mundo maravilhoso, fantástico e extraordinário?

**CESAR**

Minha mãe. Madame Anne Ponsart Gernelle. Que Deus a tenha! Deu à luz dez filhos!

**NOSTRADAMUS**

Coitada. Morreu de desgosto. Deu à luz um estúpido e nove outros filhos. Que, graças a Deus, se casaram ou se espalharam pela França. Cada um, desde ceado, tomando seu rumo e consumindo fortunas.

*Cesar chega ao praticável.*

**NOSTRADAMUS**

Me dê o cobertor. Vamos! Não fique aí parado! Nas minhas costas, Cesar.

*Nostradamus caminha com dificuldade: está todo torto. Cesar coloca o cobertor nas costas de Nostradamus.*

**CESAR**

Mas a artrite lhe corrói as pernas, pai. Por que não se senta?

**NOSTRADAMUS**

Porque estou sentado há horas e meus bifes reclamam por ar, e meu corpo por movimento, e minha alma por sossego.

**CESAR**

Sossego!? Então por que não se deita? Por que não vai dormir?

**NOSTRADAMUS**

Merda! Merda! Merda! Mil vezes merda! Por que não pára de falar? Por que não pára de dar palpito, Cesar? **(pausa)** Deus, por que fui me casar com Madame Anne Ponsart Gernelle e dar vida a essa coisa que sou obrigado a chamar de filho?

**CESAR**

Por comodidade e interesse; ela era uma viúva rica e burra, e o senhor um viúvo pobre, inteligente e banido da França.

**NOSTRADAMUS**

Arre! Não fale assim de sua mãe! Nem de minha união com ela! Não permito que ninguém, ninguém julgue meus atos e ações! **(pausa)** Fui muito feliz com ela. Tivemos até uma alcatéia de filhos adoráveis.

**CESAR**

Dentro do combinado.

**NOSTRADAMUS**

Exatamente. Dentro do combinado; pois, apesar de nossos sonhos em contrário, pudemos viver perfeitamente sem grandes amores, coisa que, aliás, acontece com a maioria dos mortais. **(pausa)** Satisfeito?

*Silêncio.*

*Cesar reage.*

**CESAR**

Não. Não estou satisfeito, pois sou um infeliz. Não sou fruto da paixão. **(pausa)** Minha concepção foi um acaso da natureza.

## **NOSTRADAMUS**

Ah! Pelo amor de Deus! Toda fornicção é um acaso da natureza, além do mais casamento é uma coisa, filho é outra, Cesar. **(pausa)** Claro que te amo, adoro e venero. **(pausa)** Tenha pena de seu pai. Olhe! Sou um velho. Minhas mãos se recusam a escrever. Como posso completar minha obra? **(pausa)** Sem você não sou ninguém, Cesar... Dependo de você para tudo. Como poderia não te amar? Você é a minha paixão... Para você eu vivo e é para você que faço minhas profecias...

*Instantes.*

*Nostradamus se mostra falsamente emocionado; logo em seguida muda de atitude.*

## **CESAR**

Cínico. O senhor é um grandíssimo cínico, doutor Nostradamus!

## **CESAR**

Ah! Que ódio! Sai já daqui! Não quero te ver nem sentir o teu cheiro. Tua presença burra me incomoda! Fora! Fora! **(alto)** Vou te tirar do testamento e deixar meus escritos para biblioteca secreta! Fora!

*Entra Julius, velhíssimo e praticamente cego.*

## **JULIUS**

O que foi que ele disse!? Biblioteca secreta, foi, Cesar? **(tom)** Não enxergo praticamente nada, isso é certo. Mas escuto muito bem, Nostradamus.

## **NOSTRADAMUS**

Pronto! Chegou o segundo estrupício! Que nunca enxergou um palmo adiante do nariz, pois começou a perder a visão e a inteligência no momento exato do nascimento.

## **JULIUS**

Oh! Cala a boca, velho fanfarrão. Será que nunca vai aprender a ser educado e carinhoso com aqueles que te amam?

## **NOSTRADAMUS**

E quem me ama? Quem? **(pausa)** **(tom)** Ninguém me ajuda. Ninguém olha mais por mim. Depois que Madame Anne morreu perdi até a imunidade junto à corte de França. Ela era meu escudo, minha tranqüilidade e aconchego. Ah! Como sinto falta daqueles risinhos!

*Ouvem-se batidas fortes vindas do fundo do palco. Todos estáticos.*

## **CESAR**

Batidas na porta!? A essa hora!?

## **NOSTRADAMUS**

São eles, Cesar! A tropa real que em me buscar.

## **JULIUS**

Bem te disse para não escrever aquilo.

## **NOSTRADAMUS**

Mas é verdade! O rei vai morrer daqui a quatro anos. Que você queria que eu fizesse, Julius?

## **CESAR**

Mentisse! Dissesse que ele teria longa vida!

*Batidas na porta.*

**NOSTRADAMUS**

Ah! Ah! São eles. Cesar! Julius! Ah! Vou morrer!

**CESAR**

Quem é lá? **(alto)**

**VOZ (OFF)**

Mensagem urgente para o doutor Nostradamus! É da Casa Real!

**NOSTRADAMUS**

Não disse!? Sabia! Sabia! **(pausa)** Não quero ir. Não quero. **(pausa)** Mas vou. Vai ser uma viagem desgraçada até Paris; um mês sacolejando numa carruagem.

**CESAR**

Já vou abrir! **(alto) (para Nostradamus)** E o que digo, pai?

**NOSTRADAMUS**

Diga que estou levitando, mas assim que baixar estarei lá embaixo. **(pausa)** Vai, idiota!

**JULIUS**

Ah! Alguma coisa que comi não me fez bem. Vou ao banheiro.

*Cesar desce do praticável.*

*Novas batidas.*

*Julius vai saindo; Nostradamus fala para Julius.*

**NOSTRADAMUS**

Cuidado para não se borrar nas calças, cagão!

**CESAR**

Já vou! Estou indo! Que balbúrdia. Calma!

*Nostradamus se arruma, joga o cobertor no chão e se enrola numa capa; está transtornado.*

**NOSTRADAMUS**

Eles vão querer explicações e eu não saberei dá-las. **(pausa)** Como demonstrar que o que faço não é ciência nem teologia nem arte nem adivinhação **(tom)** É uma emoção oculta e milenar que todos os homens têm, mas se esqueceram e ela deixou de se revelar. **(pausa)** Como poderei afirmar que não sei quem sou? Se todos acham que sou uma sumidade. **(pausa)** E proclamar: não sou um profeta, majestade, mas apenas um espectador. **(pausa)** Ninguém vai acreditar.

*Nostradamus se abraça ao livro De Mysteriis Egyptorum. Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Ah! *De Mysteriis Egyptorum!* Ah! O pior está para vir; eles vão me humilhar. **(pausa)** Ignorantes! Ignorantes! **(pausa)** E descobrir o meu segredo. *Dies Manibus!* Eles vão revelar tudo aquilo que não quero.

*Luz do praticável se apaga.*

*Música.*

## CENA 12 - NA CORTE DE CATARINA DE MÉDICIS

---

**PARIS.**

**1566.**

*Música intensa.*

*Trata-se da apresentação da corte de Catarina de Médicis.*

*Os casais da cena X voltam ao palco rearrumando os biombos, se colocando em cena e se tornando os nobres da corte.*

*Do teto desce o lustre iluminado e salpicado de velas e também o brasão real da Casa de Valois.*

*Dois guardas se postam ao lado de um trono baixo colocado sobre um pequeno estrado.*

*Entram o Duque Antoine de Bourbon, o historiador da corte, e o Conde de Lepar, o cientista do reino.*

*E entra um grupo de saltimbancos que se apresenta com vigor, esplendor e surpresa.*

*Vemos um homem cuspidando fogo, anões saltando, uma mulher controlando com maestria cachorros amestrados, dois malabaristas e um mágico.*

*Instantes.*

*Eles se apresentam.*

*Música.*

*O mágico chega no proscênio e transforma um buquê de flores em uma pomba branca.*

*Exclamações gerais de admiração.*

*Catarina de Médicis, em cena, se apresenta sentada no trono e usa um enorme véu que desce e cobre por inteiro seu rosto. Sobre sua cabeça nota-se uma coroa.*

*Instantes.*

**CATARINA**

Duque Antoine de Bourbon, acabe logo com isso!

*O duque bate palmas duas vezes.*

*A música cessa e os saltimbancos se retiram.*

**CATARINA**

Já estou cansada desses saltimbancos. É sempre a mesma coisa. Me deu até um pouco de dor de cabeça. Que zoeira infernal!

*Conde Lepar se adianta.*

**LEPAN**

Se Vossa Majestade me permite, gostaria de apresentar os novos quitutes preparados pelos cozinheiros da corte.

**CATARINA**

Que assim seja, Conde Lepar.

*E os dois homens trazem uma enorme mesa cheia de iguarias e a colocam em frente do trono.*

*Catarina de Médicis se levanta para apreciar melhor.*

*Todos fazem uma reverência.*

*A rainha se aproxima da mesa e vai apontando.*

**CATARINA**

O que é isto?

**LEPAN**

Porco assado com frutos do mar e batatas no conhaque, Majestade.

**CATARINA**

E ali?

**LEPAN**

Supremo de perdizes com alcaparras e mel, Majestade.

**CATARINA**

Não! Toda vez que como perdizes meu corpo fica empolado. E aquilo com penas verdes?

**LEPAN**

Frango com amêndoas, Majestade.

**CATARINA**

Hum! Frango com amêndoas e penas verdes... Que coisa mais exótica... **(pausa) (tom)** Pois leve tudo isto embora! E me traga um frango assado simples, tenro e honesto. E que tenha gosto de frango! Estou ficando enjoada de tantos cremes e molhos!

**LEPAN**

Sim, majestade.

*Catarina de Médicis retorna ao trono.*

**CATARINA**

E então? O que estão esperando?

*E toda corte proclama num coro uníssono.*

**TODOS**

Bom apetite, Majestade!

*Luz cai em resistência.*

## CENA 13 - NOS APOSENTOS DA RAINHA

---

**PARIS.**

**1566.**

*Luz.*

*Os biombos estão arrumados de outro jeito, formam a sala da Rainha Catarina de Médicis.*

*Os casais que formam a corte se retiram.*

*No teto vemos o brasão real da Casa de Valois e o lustre.*

*Catarina está sentada num trono baixo e maneja uma bandeja, de onde come, com as mãos, e com indisfarçável dificuldade, um frango, já que usa o enorme véu.*

*Ao lado da rainha vemos o Conde de Lepar, cientista do reinado, e o Duque Antoine de Bourbon, o historiador da corte. Instantes.*

*A rainha come.*

**CATARINA**

Por que sou obrigada a usar esse véu? Ou bem me alimento, ou bem uso o véu!

**CONDE DE LEPAN**

É a moda, Majestade. É a moda da Quaresma.

**CATARINA**

Podiam ter inventado uma moda mais prática, Conde de Lepar. **(pausa)** Às vezes penso... E se Nostradamus estiver certo e meu marido morrer em breve?

**BOURBON**

Vossa Majestade não deve se impressionar com tamanha infâmia!

**CATARINA**

Terei de usar luto por sete anos. É a moda, não é? O costume aqui em Paris. **(pausa)** E as cores escuras não me caem bem. Que azar!

*Instantes.*

**LEPAN**

Majestade, sou obrigado como cientista-chefe do reinado, título concedido pela vossa augusta figura, a lhe prevenir. **(pausa)** Não leia Nostradamus, Majestade. Ele é um farsante; nada que escreve tem base científica. Não se pode provar, ver ou constatar; logo, não se deve acreditar, Majestade. **(pausa)** De acordo com os médicos da corte, o rei tem uma saúde de ferro.

*Catarina come.*

**BOURBON**

**(Lendo um livro)** Ouça, Majestade. “No Oriente, em duas cidades portuárias, haverá dois flagelos como nunca se viu. Um enorme cogumelo! Fome, peste e gente expulsa pela espada, gritando por socorro ao grande Deus imortal. O mundo será diferente.” Está aqui no sexto verso da segunda centúria. Ah! E acrescenta que esse ridículo cogumelo gigante, que cientificamente não existe e de que historicamente nunca se ouviu falar, tem o calor do sol e é capaz de cozinhar os peixes dentro do mar.

**CATARINA**

**(comendo)** E quando ele disse que isso vai acontecer?

**BOURBON**

Aí está, Majestade. Daqui a quatrocentos anos!

**CATARINA**

Ah! Ainda bem que não estarei viva.

*Bourbon e Lepad se entreolham.*

**LEPAN**

Majestade, ouça este outro versinho aqui... Deixe-me ver... **(com o livro) (pausa)** Aqui: “Feras enlouquecidas da fome cruzarão os rios, a maior parte do campo de batalha estará contra Hister. Eles arrastarão seu líder numa gaiola de ferro, quando o filho da Alemanha não observar lei alguma”. **(pausa)** Quem é esse Hister ou Hitler? Vossa Majestade já ouviu falar em algum rei alemão que não cumprisse lei alguma?

**CATARINA**

**(hesita)** Não... Eles são tão certinhos, os alemães.

**LEPAN**

Vê, Majestade.

**BOURBON**

Rainha Catarina de Médicis, peço que reflita profundamente. **(pausa)** Como sou o historiador de seu reinado devo avisá-la de que, se Nostradamus estiver certo, a História não passa de um teatro de fantoches, onde tudo é previamente estabelecido. **(pausa)** E onde se coloca o livre-arbítrio dos homens?

**LEPAN**

Majestade, lembro também que os teólogos do cristianismo afirmam que cada homem é responsável pela sua salvação eterna; logo, nem a Santíssima Trindade sabe se um determinado homem vai para o céu ou para o inferno.

*Instantes.*

**CATARINA**

O frango estava uma delícia. Esses cozinheiros italianos são ótimos. **(longa pausa)** De que falávamos mesmo?

*Ambos se adiantam.*

**AMBOS**

Majestade!

**CATARINA**

Sim!

**BOURBON**

Bem... Majestade, viemos aqui alertá-la...

*Lepad se adianta mais.*

**LEPAN**

Concluimos que Vossa Majestade não deve receber o doutor Nostradamus em audiência!

*Instantes.*

**CATARINA**

Hum! **(pausa)** Sabe qual é o problema, senhor Conde?

**LEPAN**

Não, Majestade.

**CATARINA**

Os senhores têm um penduricalho entre as pernas e eu tenho um buraco! (pausa) Isso quer dizer que pensamos diferente, cheiramos diferente e vemos a vida de maneira totalmente diversa!

**BOURBON**

Mas, Majestade...

**CATARINA**

Mas, Majestade nada! (pausa) Façam entrar

Nostradamus!

*Lepan se aproxima do proscênio e anuncia.*

**LEPAN**

Da pequena cidade de Salon, para a corte da rainha Catarina de Médicis! O doutor Nostradamus!

*Dois biombos se abrem e entra Nostradamus claudicante, retorcido e segurando o livro De Mysteriis Egyptorum.*

*Instantes.*

*Nostradamus faz uma profunda reverência.*

**NOSTRADAMUS**

Minha soberana! Mesmo doente e alquebrado, não poderia deixar de aceitar tão agradável e honroso convite.

**CATARINA**

Espero que sua viagem tenha sido tranqüila.

**NOSTRADAMUS**

Nem tanto, Majestade.

**CATARINA**

Como assim?

**NOSTRADAMUS**

Chovia, Majestade. E como chovia! Atravessei lodaçais, lamaceiras e atoleiros durante um mês.

*Bourbon e Lepan se entreolham.*

**BOURBON**

Não acredite, Majestade. Se houve chuva foi muito pouca.

**LEPAN**

Nostradamus exagera como sempre. Ou melhor, fantasia, como é próprio de seu estilo. Só ele viu chuva.

**BOURBON**

Majestade, veja bem, não estamos no mês das chuvas. E de acordo com nossos cálculos e observações, o solo está rachado e as nuvens raquíticas. Portanto, o que existe é seca.

**NOSTRADAMUS**

Majestade, essa mania do homem de querer dominar a natureza é algo de assombroso; é uma obsessão das mais idiotas que vão atravessar os séculos. (pausa) Então pergunto: com quem está a verdade, com o homem ou com a natureza? E mais! Existe uma verdade?

**BOURBON**

Que petulância!

**NOSTRADAMUS**

Além do que os senhores têm explicações científicas, históricas, religiosas, sociais e políticas para tudo, o que torna o mundo extremamente cacete!

*A rainha ri.*

**LEPAN**

Vossa Majestade não deve permitir...

**CATARINA**

Continue, doutor Nostradamus. Prossiga.

**NOSTRADAMUS**

Majestade, será que não há lugar para o desconhecido? **(pausa)** Para o homem culto sua existência na Terra é traçada por cálculos, sistemas, experiências e observações que me parecem corretas em demasia! **(pausa)** Tudo é demonstrado através de uma série de causas e efeitos, claríssima, perfeitíssima, enquanto dá certo. **(pausa)** Mas, de repente, o tempo passa e tudo muda, mostrando assim que devemos dar lugar também ao intuitivo. **(pausa)** Choveu! E vai chover muito, senhores.

*A rainha ri.*

*Instantes.*

**LEPAN**

Pergunte, Majestade, quem abriu as portas do desconhecido ao doutor Nostradamus.

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

O inexplicável, Majestade.

**BOURBON**

O inexplicável!?! **(pausa)** Pois eu lhe digo de onde vem o inexplicável, Majestade! **(pausa)** Esse homem é filho de uma família muito antiga, descendente da tribo profética de Issachar.

*Nostradamus se recolhe.*

**NOSTRADAMUS**

Bem... Minha família foi...

**LEPAN**

O avô de Nostradamus foi jogado na fogueira, Majestade. Era um bruxo.

**NOSTRADAMUS**

Bem... Minha família foi...

**LEPAN**

O avô de Nostradamus foi jogado na fogueira, Majestade. Era um bruxo.

## **NOSTRADAMUS**

Não... Não... (emoção)

*Tempo.*

## **BOURBON**

Nostradamus é judeu, Majestade! Um judeu mentiroso que veio disseminar a discórdia, atrapalhar a História e desafiar a ciência.

## **LEPAN**

Acabe com ele, Majestade.

## **BOURBON**

Acabe com ele, Majestade.

*Instantes.*

*O conde e o duque saem.*

*Nostradamus se ajoelha.*

*A luz cai.*

*Música.*

*Tempo.*

## CENA 14 - NA SALA DOS ESPELHOS

---

**Aposento da rainha.**

**Paris.**

**1566.**

*Foco sobre Nostradamus ajoelhado.*

*Os biombos rodam no próprio eixo dando lugar a uma sala toda espelhada.*

*Catarina, de costas para a platéia, frente a um dos espelhos, lê o livro de profecias de Nostradamus.*

**NOSTRADAMUS**

Judeu. Judeu. Judeu. (pausa) Deus! Tenha pena dos perseguidos, dos danados, dos ensandecidos, dos loucos e dos poetas! **(emoção)** Tenha pena dos rejeitados, diferentes e possessos! **(pausa)** O poder deles não gosta, mas sem eles o tempo não corre, a vida não muda e nada se transforma.

*Luz no cenário.*

**CATARINA**

O rei mandou dizer que não vai recebê-lo. (pausa) Disse que seu livro de profecias contém tolices.

**NOSTRADAMUS**

É tudo realmente muito tolo, Majestade. **(pausa)** A vida é tão tola, tudo é tão pequeno frente `a enormidade do tempo. **(pausa)** Aliás, cientistas provarão isto, que somos ínfimos. Mas será em vão.

**CATARINA**

Doutor Nostradamus, o que significa esta profecia, por exemplo: “A coisa perdida é recuperada, escondida por muitos séculos. Pasteur será venerado quase como se fora um semideus.”

**NOSTRADAMUS**

Como sabe, Majestade, deixei a medicina e me dedico ao oculto. **(pausa)** Mas isso não quer dizer que renego a ciência e abomino os pensadores. Não, Majestade! Pelo contrário, aprecio os afoitos. **(pausa)** Pasteur será grande por descobrir o invisível.

**CATARINA**

Invisível! Oculto! Futuro! **(pausa)** Afinal quem lhe conta tudo isto?

**NOSTRADAMUS**

Um visitante noturno.

**CATARINA**

Um visitante? Uma entidade sobrenatural?

**NOSTRADAMUS**

Para mim é natural, Majestade.

**CATARINA**

E o que ele diz de mim? Do meu reinado? Entrarei para a História?

*Pausa.*

**NOSTRADAMUS**

Bem...É... Quer dizer... Seus cozinheiros italianos inventarão uma culinária das mais requintadas...Será mundialmente conhecida como a cozinha francesa.

**CATARINA (ALTO)**

Exijo que me conte o que ele disse de mim!

**NOSTRADAMUS**

Quer mesmo saber, Majestade?

**CATARINA**

Agora!

*Nostradamus se levanta.*

**NOSTRADAMUS (VOZ ROUCA)**

Dies Manibus! Dies Manibus! **(berra)** Olhe para o espelho, Majestade!

*Um reflexo intenso de luz sai do espelho. Catarina se vira para o espelho.*

**CATARINA**

Não vejo nada.

**NOSTRADAMUS**

Vê! Vê sim! Olha com atenção! **(alto)** Seu marido morre e seu reinado de viuvez será marcado pela intransigência.

**CATARINA**

Qual dos meus sete filhos será rei?

**NOSTRADAMUS**

Todos! (ri) Todos serão reis!

**CATARINA**

Ora... Isso é impossível.

**NOSTRADAMUS**

Um a um, todos subirão ao trono de França reinando partículas de tempo. **(pausa)** E todos eles serão assassinados e deles nunca mais se ouvirá falar.

**CATARINA**

Não... Não...

**NOSTRADAMUS**

A dinastia de sua família para sempre se apagará. (pausa) A casa de Valois termina em seu reinado, Majestade.

*Instantes.*

**CATARINA**

Espera! Vejo uma imagem no espelho!

*Atrás do espelho uma luz se acende e vemos o Duque de Bourbon.*

**NOSTRADAMUS**

Este, Majestade, será o futuro rei de França.

**CATARINA**

O Duque Antoine de Bourbon?

**NOSTRADAMUS**

Não. O jovem filho do Duque de Bourbon, Henrique de Navarra. **(pausa)** Ele será o dono da nova dinastia, do massacre de São Bartolomeu e da extinção da Casa de Valois. **(tom)** Com ele nascerá o reinado dos Bourbons. Os reis “Luizes”, Majestade.

**CATARINA**

Vou mandar matar esse rapaz!

**NOSTRADAMUS**

Isso! Mande matar todos os jovens do reino! Cape todos os testículos menores de vinte anos! **(pausa)** Mas lembre-se: Herodes tentou esse caminho!

*Instantes.*

*O duque de Bourbon desaparece.*

**NOSTRADAMUS**

Não adianta, Majestade. São os homens que fazem sua própria história. **(pausa)** E então posso afirmar, jurar, berrar aos quatro cantos do mundo que nada, *nada* está determinado, entretanto tudo está determinado!

*Tempo.*

**CATARINA**

É tudo mentira! O senhor me hipnotizou! **(pausa)** É claro! Por isso quis se encontrar comigo na sala dos espelhos!

*Nostradamus se emociona.*

**NOSTRADAMUS**

Não... Não hipnotizo ninguém. Me auto-hipnotizo, Majestade! O que é de um sofrimento inconcebível porque as horas se transformam em minutos, dias em horas, anos em dias e séculos em anos. **(pausa)** Será que alguém, por um instante, sabe o que isto significa? **(pausa)** Veja meu corpo; viajo para dentro de mim à procura da lógica do tempo...

E desconfio, Majestade... Que o tempo é um continuum de dimensões... É um rio, cujas correntezas nós chamamos de passado, presente e futuro... Ai! Ai! **(se contorce)** Meus ossos doem!

Tudo em mim se contrai! **(pausa)** Pelo horror que passo não atinam, porque não entendem... não entendem que o passado, presente e futuro são concomitantes... Eles não existem... O que existe é o eterno presente, Majestade. **(chora)** O eterno presente...

*Instantes.*

**CATARINA**

Vá! Desapareça! Considere-se expulso de Paris e recluso em Salon para sempre. **(pausa)** Meu castigo será te deixar apodrecer na tormenta da loucura.

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Louco não, Majestade. **(pausa)** Apenas um visionário.

*Música.*

*Tudo escuro.*

## CENA 15 - NA CASA DE NOSTRADAMUS

---

**SALON.**

**1566.**

*Os biombos saem dando lugar a um fundo infinito. Nostradamus senta-se num banquinho e se mantém imóvel.*

*O chão se acende ou reflete intensa luz, parece vitrificado. Cesar coloca uma terrina de cristal, com água, do lado direito de Nostradamus. E, no lado esquerdo, uma mesinha de vidro com o livro **De Mysteriis Egipytorum** sobre ela. Julius também presente.*

*Tudo parece de cristal e cintila em sua transparência.*

*Música.*

*Instantes.*

*A atmosfera é mágica; um fenômeno vai se realizar.*

**CESAR**

Pai... Pai...

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

É Julius quem me chama?

**JULIUS**

Nostradamus... Está tudo bem, não está?

**NOSTRADAMUS**

Os cristais!... Tudo reluz...

**CESAR**

Amanhece, pai.

**NOSTRADAMUS**

Onde?

**CESAR**

Aqui em Salon, no mundo. Em todos os lugares. Hoje é 17 de junho de 1566.

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Não estou mais aqui. (pausa) Estou no último século... Estou em 1986.

*Tempo.*

**NOSTRADAMUS**

Cesar! Quero que manuseie minhas profecias do jeito mais sinistro que encontrar. Tire tudo de ordem! Tudo de ordem.

**JULIUS**

Mas, Nostradamus... O seguimento das profecias vai se perder.

**NOSTRADAMUS**

**(sorri)** Datas e calendários têm importância relativa... Eles só servem aos homens poderosos... O que importa são os fatos.

**CESAR**

Mas pai...

**NOSTRADAMUS**

Agora! (pausa) (tom) Não! Ainda não! Espere... Venha cá.

*Cesar emocionado se aproxima e abraça Nostradamus.*

**CESAR**

Pai...

**NOSTRADAMUS**

Quero te deixar uma marca indelével, filho... Um beijo no coração.

*E Nostradamus puxa as vestes de Cesar, descobrindo parte do tórax esquerdo do rapaz, e beija, suave, a região do coração.*

**NOSTRADAMUS**

Que seu coração se torne forte, pleno de bondade e que ele tenha o prazer de experimentar todas as emoções. **(pausa) (tom)** Vai agora. Pode ir.

*Cesar se afasta.*

*Julius começa a chorar.*

*Nostradamus treme.*

**JULIUS**

Vai morrer, Nostradamus. Você vai morrer. Sei que vai!

**NOSTRADAMUS**

Me parece inevitável, amigo.

**JULIUS**

Ai, ai, ai, que medo! Sinto medo por mim e por você.

**NOSTRADAMUS**

Pois não sinto medo. **(pausa) (tom)** Só uma ponta de pavor.

*A mão de Nostradamus treme.*

*Instantes.*

*Depois ele recolhe a mão para dentro das vestes e a puxa de súbito trazendo um crucifixo brilhante e resplandecente.*

## JULIUS

Que é isso? O que é? Que luz é essa? Não enxergo bem.

## NOSTRADAMUS

Um crucifixo. Por enquanto é seu. Porém deve me devolver quando nos encontrarmos de novo.

## JULIUS

Ah! Então existe o eterno. É isso! Nós vamos nos encontrar de novo numa outra encarnação.

## NOSTRADAMUS

Quem sabe? Talvez. **(pausa)** **(tom)** Talvez embaixo da ponta de pavor esteja a base do saber. Talvez...

*E Julius pega o crucifixo e beija a mão de Nostradamus. Instantes.*

## NOSTRADAMUS

As profecias. Tire tudo de ordem! Tudo fora de ordem. Agora! Por favor! Foi Sabina quem determinou.

*Cesar hesita e sai acompanhado de Julius.*

## NOSTRADAMUS

... Estou em 2000. Neste ano o mundo conhecerá o terceiro Anticristo... **(pausa)** Ele é filho da Palestina, mora no chifre da África, tem sete dentes na boca e o número seis no centro da cabeça. **(pausa)** Em Roma um Papa foi envenenado; o ano dos três Papas já passou; Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II; foi o início do fim! **(pausa)** Na Inglaterra esfacelada, o império agoniza, pois ele começou com uma Elizabeth e terminará com outra Elizabeth. Elizabeth II. **(pausa)** Aves metálicas voam pelos céus e peixes metálicos cruzam o fundo do mar; é o início do fim! **(pausa)** Multidões padecem de fome, doenças e injustiças, enquanto a água branca da América vive os estertores da ganância, luxo e desperdício. **(pausa)** Os árabes invadem a Europa com o óleo negro e a ordem das coisas se transmuta. **(pausa)** Generais se acham monarcas, reis se corrompem pela lei do ouro e traem seus povos. **(pausa)** O povo! Não terá direito nem de proclamar o seu rei! **(pausa)** Os homens vermelhos do oriente, os russos, prisioneiros da rigidez, se unem aos alemães, turcos e árabes. Eles atacam o Anticristo. E ele joga um cogumelo gigante sobre a América. Oh! Não! Não! **(pausa)** Os chineses se revoltam e a Itália fica acéfala, deitada num mar de sangue, pois uma revolta popular eclode. **(pausa)** O Antipapa toma Roma e o último Papa, Pedro II, foge para o país do Sul. Lá, vai morar na cidade Futuro, no planalto central, onde jovens mascarados dançam no carnaval e fazem o sinal do diabo. **(pausa)** Bute! Demônio! Anjo Negro! Não chamem Satã! Não chamem! Lúcifer aparece entre cogumelos gigantes, borrasca de fogo e nuvens de cinza! **(pausa)** Os homens vermelhos destroem a cidade nova. Na América não há mais direito nem parlamento; só exército. **(pausa)** Pássaros e peixes metálicos numa alegria frenética se agitam e fazem brechas no mundo com seu aço pontiagudo. **(pausa)** O Anticristo vive a febre de seu delírio na batalha de Armagenon. **(pausa)** No ano 2000, aos sete meses, do céu virá o grande rei do terror. Ele trará de volta à vida o grande rei dos Mongóis. **(pausa)** As quatro bestas do Apocalipse cavalam sobre a Terra. **(pausa)** A França não tem mais sangue nem substância... Paris é uma bola de fogo... **(pausa)** Fogo. Fogo. Fogo! **(se agita)** Fogo! **(alto)**

*Entra Cesar e pára perplexo.*

## NOSTRADAMUS

Cesar! Cesar! Traga o braseiro. O braseiro, Cesar! **(pausa)** Preciso de um último favor... Um último favor; o braseiro. **(tom)** Não! Não preciso mais.

*Nostradamus aponta e uma língua de fogo contínua começa a escapar de um orifício no chão vitrificado.*

*Nostradamus alisa o livro sobre a mesa de vidro.*

## NOSTRADAMUS

De Mysteriis Egyptorum...

*Nostradamus beija o livro. Depois, cambaleante, se aproxima do filho.*

*Instantes.*

**NOSTRADAMUS**

Vá chamar o padre Vidal... Diga a ele que preciso receber a Santa Comunhão... Antes que seja tarde demais... O padre Vidal, Cesar. **(tom)** Ah! E não acorde Julius. Ele cochila debruçado sobre meus escritos fora de ordem. Adormeceu com o crucifixo nas mãos. Exatamente como eu queria.

*Cesar, perplexo, sai.*

*A luz cai geral.*

*Nostradamus olha o fogo, segurando o livro.*

*Foco avermelhado no rosto de Nostradamus.*

*No fundo do palco todos os outros personagens da peça vão aparecendo.*

*Parecem espectros.*

**NOSTRADAMUS**

E por quarenta anos a Terra ficará mergulhada na mais fria noite abissal. **(pausa)** Depois... Dois cristais gelados surgirão homens dignos e nova era se fará... E tudo ressurgirá com nova humanidade.

*Nostradamus joga o livro no fogo.*

**NOSTRADAMUS**

Ninguém te merece, livro! **(pausa)** O mundo tem medo das tuas indagações. Volta para as trevas e morre.

*Instantes.*

*O livro queima por instantes, até desaparecer num clarão.*

**NOSTRADAMUS**

Vou morrer contigo... Só que minha busca não se apaga.

*Os outros personagens se aproximam de Nostradamus. Vemos Sabina, Cardeal Narbona, o monsenhor, Duque de Bourbon, Julius, Madame Anne, etc.)*

**NOSTRADAMUS**

Estou vendo minha vida toda acontecer num fechar de pálpebras. (tom) Minha vida são vocês. (e ri) (pausa) (tom) Sabina! Cardeal. Santidade. Amigo. Madame Anne...

*Eles envolvem Nostradamus por instantes.*

*Tempo.*

*Subitamente todos se afastam e vemos Nostradamus em pé, tendo um outro Nostradamus, idêntico a si próprio, morto a seus pés.*

## **NOSTRADAMUS**

Ah! Me vejo morto. Como todos irão se ver quando chegar a hora da passagem. É assim que o eterno funciona.

*Mudança de luz.*

*Nostradamus começa a levitar sobre o corpo de Nostradamus morto.*

## **NOSTRADAMUS**

Ainda me resta descobrir a essência do absoluto. **(pausa)** Deus. **(pausa)** A transcendência de Deus. **(e berra)**.

*O olhar profundo de Nostradamus enxergando seu próprio corpo. Ele vagarosamente vai subindo.*

*Instantes.*

*Nostradamus levita livre no espaço.*

*Luz cai em resistência. O fogo se apaga.*

*Tudo escuro.*

*Cai o pano.*

**FIM.**

## Posfácio para o livro da peça “Nostradamus”

Faz mais ou menos um ano que não manuseio o texto original de *Nostradamus*.

Peça em cartaz, traduções realizadas (francês, inglês e italiano) e com outras produções `vista, *Nostradamus* traça seu próprio caminho como quer e bem entende, não depende mais de mim e sim do calor do público, do minueto dos agentes teatrais, dos produtores, atores, diretores, etc.

Agora ele dificilmente me presta algum tipo de satisfação de seus atos. Não perde tempo com esses pormenores e se lança intrépido em empreitadas por vezes arriscadas, como neste instante em que se transforma em livro. Digo arriscada, pois o público leitor de teatro no Brasil é exíguo, mas ele não se intimida, como sempre e, muito a propósito, confia no talento pessoal do Clube do Livro e na enorme aceitação que a peça teve junto ao público paulista.

Júbilo. Pois, precisamente nestes momentos cruciais, ele volta a mim.

Alguém precisa saber como foi feita tal cena. Um ator necessita detalhes de como criei certo personagem. O tradutor não entende o significado de determinada passagem, a essência de um diálogo. Um professor universitário quer saber sobre a estrutura dramática usada. Um curioso quer separar o que é verdade histórica do que é ficção no texto. E por aí vai... E assim ele retorna ciclicamente em doses homeopáticas ao autor, numa cadência de tempo obscura para os estranhos, eu concordo, mas lógica e límpida para nós dois.

Pois só nós conhecemos as tênues pulsações da criação, a enorme trabalhadeira que tivemos na confecção e pesquisa da peça e as dúvidas, medos e a desolação por que passamos ao escrever, e também a satisfação, alegria e a sensação de bem-estar, ao conseguir concluir um diálogo, uma cena, um ato...

Sim, quando ele retorna, nós nos saudamos timidamente, é verdade; depois sorrimos como velhos companheiros e, num pacto mútuo e silencioso, sabemos o que um deseja do outro; só ele sabe que eu tenho a chave da gaveta onde estão os manuscritos originais e só eu sei que ele é o original.

Abro a gaveta e o retiro. Manuseio o texto. E assim começo a ler *Nostradamus* e a selecionar observações cena a cena para o leitor deste livro. Meu propósito é desenvolver um parágrafo para cada cena.

O processo será totalmente aleatório. Às vezes, falarei sobre a razão dramática de uma determinada cena. Outras, vou buscar uma curiosidade, uma nota que encontrei no original. Ou, então, vou dissertar um pouco sobre a escolha de uma determinada profecia, ou presságio. Enfim, sem nenhum critério racional, vou amarrar sucintamente as cenas através dos laços da intuição e com os estilhaços da memória remontar parte da trajetória que cumpri ao escrever o original. Tudo muito empírico. Tudo ao estilo *Nostradamus*.

### CENA 1 (1o. Ato) - No Consultório de *Nostradamus*

Avignon - 1525.

Noite.

Um dramaturgo já disse que a primeira cena de uma peça é como começar uma partida de xadrez. Existe, assim, uma série dos chamados movimentos teatrais iniciais típicos - como por exemplo, posso começar uma peça através de um narrador, ou com uma ação dramática misteriosa a ser explicada mais tarde etc. No caso presente, optei pela chamada *cena inicial clássica de identificação*, isto é, com uma apresentação completa dos personagens, seus conflitos, dúvidas e necessidades.

*Nostradamus* já se apresenta como médico, fala de seu passado, e, através do diálogo, temos uma panorâmica do pensamento científico da época e dos métodos de trabalho incomuns usados por ele. Isso quer dizer que *Nostradamus* se mostra um diferente, acreditando em teorias próprias e tentando convencer seu amigo Julius a cometer um delito.

Também começo a esboçar a personalidade de *Nostradamus* - o atrevimento, a persistência e a ambição, em contraponto com a de seu amigo Julius (bondoso, covarde e algo burro).

Julius é um personagem inteiramente de ficção.

### CENA 2 (1o. Ato) - No Consultório de *Nostradamus*

Avignon - 1525.

Dia.

Em texto, é indispensável aproveitarmos os cenários ao máximo, por isso uso bastante o consultório de *Nostradamus* no primeiro ato - é o chamado *cenáriobase*.

Se a primeira cena foi de identificação e introdutória, esta cena 2 poderia ser chamada de *confronto*. Aqui, fica patente que o Cardeal Narbona se torna o antagonista principal do herói.

Uma cena difícil, pois confronto em teatro já vimos mil vezes; por isso optei por uma linha de humor que cresce até um momento mágico não esperado (a primeira profecia de *Nostradamus* em cena) e se transforma, ao final, numa ameaça. Essa ameaça criará expectativa suficiente para empurrar a ação dramática.

Curiosidades: o Cardeal Narbona nunca existiu, bem como a Santa Inquisição historicamente pouco se importou com a existência de *Nostradamus* (situação que na peça é o inverso).

Como uma das primeiras e mais espetaculares previsões de *Nostradamus* se deu na cidade italiana de Narbona, resolvi batizar o antagonista com este nome.

Foi nessa cidade que o profeta disse que um criador de porcos, Felice Peretti, seria Papa. O que realmente aconteceu muitos anos depois da morte de Nostradamus. Aliás, na previsão, Peretti seria um péssimo Papa, coisa que ocorreu.

Sobre a geléia de marmelo que *Nostradamus* usa como método terapêutico para a impotência do Cardeal, vale dizer que encontrei o achado numa das notas de rodapé do livro de George Tufnel sobre a vida do visionário.

O livro de Tufnel é extensamente documentado: e para descrever a infinita curiosidade e inquietude de Nostradamus, o autor conta que o grande médico andava insatisfeito com a geléia que se fazia em sua própria casa, então resolve criar uma nova receita de geléia de marmelo e ainda tem a petulância de remeter a dita fórmula ao Rei de França, como sendo um grande avanço culinário. Tufnel assegura que experimentou a receita, mas que o resultado foi sofrível - a geléia era doce demais.

Achando o fato curiosíssimo e sabendo que ela não tinha nenhum valor culinário, resolvi usá-la no pênis do Cardeal, sublinhando assim a petulância e ironia do meu personagem e criando um dos momentos mais risíveis da peça.

CENA 3 (1o. Ato) - No Quarto e Consultório de *Nostradamus*  
Avignon - 1525.  
Noite.

Aqui não tive medo do amor e da paixão e armei uma milenar cena romântica. Propositalmente, acentuei a volúpia da paixão, tanto carnal como anímica, para aumentar a dramaticidade da última cena do primeiro ato (cena em que *Nostradamus* perde Sabina e os filhos). (Ver cena 6.)

Para o diálogo não ficar piegas, tive um enorme trabalho na seleção vocabular e tentei ser econômico nas palavras. Lembro agora que refiz esse diálogo várias vezes.

Na primeira estrutura que tinha feito da peça, e aqui é bom dizer que estruturei todo o espetáculo, cena a cena, antes de começar a fixar os diálogos, esta cena se encontrava algo solta, sem uma razão precisa, além do romântico que ela já continha. Ao desenvolvê-la, isto é, quando criei os diálogos, tive a idéia de acrescentar um segundo movimento à cena - o rito praticado por *Nostradamus* para ter suas visões.

Portanto, esta cena contém dois instantes definidos: o primeiro, a paixão; o segundo, a revelação do oculto. Resultado: meu personagem sai da cena mais velho. Ele é outro. Descortinou o impossível através de um rito oculto.

Nesse instante, acho que consegui capturar a linha teórica da peça - o homem versus o tempo. E mais, coloquei em cena um antagonista invisível: o tempo.

CENA 4 (1o. Ato) - No Consultório de *Nostradamus*.  
1525.  
Dia.

Esta é a chamada cena de reação - consequência de tudo que se passou até agora. O personagem central deve tomar uma atitude drástica, ou sucumbe.

Aproveito a cena também para explicitar o conflito Sabina versus Julius.

*Nostradamus* já se mostra um cínico, uma das facetas de sua personalidade que vai tomar conta de seu caráter no segundo ato.

A propósito, o cinismo de *Nostradamus* começou a me fascinar aqui.

Sobre o livro *De Mysteriis Egyptorum*, de *Iamblichus*, até hoje não sei se existiu ou não. Alguns pesquisadores dizem que ele se perdeu, e outros que nunca existiu. Uma coisa porém é certa: ninguém nunca o leu.

Finalizando, o livro *De Mysteriis Egyptorum* vai me servir como componente dramático até o final do texto. Isto é, ele não atua como personagem, mas serve de bengala para o personagem e aciona, por conseguinte, a ação dramática.

CENA 5 (1o. Ato) - No Calabouço do Palácio do Cardeal Narbona  
1525.  
Noite.

Aqui se faz necessária uma explicação: *Nostradamus* teve duas versões. A primeira foi escrita em janeiro de 1985 e a segunda se finalizou em julho de 1987.

A primeira versão contém dez cenas e, portanto, é mais enxuta. Na segunda acrescentei mais cinco cenas que contam a estória do mosenhor Peretti e desenvolvem a personalidade de Julius (estas cinco cenas formam o que é chamado de história *paralela*).

Recurso comum e muito usado atualmente em dramaturgia, a história paralela se desenvolve à margem da principal, possuindo, por conseguinte, função própria, mas sobretudo interagindo no contexto geral da obra. Ela ressalta, acentua, justifica e até explica alguns pontos obscuros na história principal, apesar de, como foi dito, possuir trajetória própria e poder até certo ponto ser retirada do corpo do texto, sem maiores prejuízos. Nesse caso, em vez de retirá-la, eu a coloquei para ampliar o tempo do espetáculo.

Esta cena inaugura a segunda e definitiva versão da peça, reforça o delírio do Cardeal Narbona e marca a sina de Julius - ser castigado pelos poderosos, em lugar de Nostradamus. Cumpre assim o ditado, que reza: a corda sempre arrebenta no lado mais fraco.

Um lembrete: a história paralela foi um dos legados dramáticos da genialidade de Willian Shakespeare.

CENA 6 (1o. Ato) - No Dispensário de Agen

1526.

Dia.

A última cena do primeiro ato tem por obrigação concluir uma série de ações dramáticas e criar fortes expectativas para o desenvolvimento do segundo ato. É sempre uma cena difícil de ser concebida, pois contém, usualmente, diversos movimentos dramáticos.

Esta cena envolve os seguintes conflitos: *Nostradamus* versus a peste (em destaque a prepotência de *Nostradamus*), *Nostradamus* versus Julius (em questionamento a amizade), Sabina versus *Nostradamus* (em questionamento o destino), Sabina versus Julius (em destaque a culpa), *Nostradamus* versus a realidade, *Nostradamus* versus a perda (morte de Sabina e dos filhos), *Nostradamus* versus o futuro e, por fim, *Nostradamus* versus o presente (se torna prisioneiro do futuro).

O diálogo desta cena foi reescrito várias vezes. Seguem algumas frases onde tive trabalho triplicado:

... Fui acusado e condenado por realizar rituais escabrosos, onde um homem com seis dedos na mão, pele escamosa e escura até o umbigo, com um olho só, possuindo tetas de donzela, um ventre de asno enorme, uma perna de boi e cascos de camelo, aparece nas franjas da noite para, tão-somente, sorver o sangue de criancinhas, que foram previamente degoladas por mim, é claro, e me instruir sobre a pequenez de Deus e a grandiosidade abissal dos desvarios da Igreja.

(*pausa*) Acorda! Não existe destino, Michel! Existe é a vontade de cada um. Cada pessoa determina seu próprio passo. (*pausa*) (*Sabina leva a mão ao ventre*) Sangro. Sinto que sangro. Sangro. Sangro...

Não... Ele também navega perdido nas fendas do meu desespero.

Ah! Eu não quero ter mais surpresas na vida: não quero sofrer nunca mais nem me apaixonar em vão. (*pausa*) Quero dominar o tempo, *Dies Manibus!* (*pausa*) *Dies Manibus!* *Dies Manibus!* Minha vontade é conhecer todos os tempos. Saber tudo o que foi escrito para mim! (*pausa*) Quero ver o livro onde Deus prenuncia o que fatalmente vai acontecer! (*pausa*) *Dies Manibus*, me mostre o Livro do Futuro! Quero conhecer a infinidade de cada minuto e saber como cada minuto é parte integrante do infinito.

CENA 7 (2o. Ato) - No Interior da Pirâmide

Cairo.

1536.

Noite/Dia.

O intervalo me serve como passagem de tempo e reabro a peça com uma cena visualmente chamativa.

A frase “La Alá! La Alá!” me foi sugerida pelo amigo George Moustaki.

Concordo que a cena tem problemas enormes de produção e realização.

A primeira cena do segundo ato é chamada classicamente de reimplantação. Por conseguinte, devemos reidentificar os personagens e mostrar sua situação atual.

CENA 8 (2o. Ato) - No Interior da Pirâmide

Cairo.

1536.

Francamente, não sei se esta cena é realidade ou um delírio de *Nostradamus*.

Julius diz assim: “Michel, você está delirando. É a febre do deserto”.

Acho que o autor delirou junto com a personagem...

CENA 9 (2o. Ato) - Na Sala dos Mapas

Vaticano.

1546.

Dia.

Adorei escrever o contrato de casamento entre *Nostradamus* e Madame Anne Ponsart Gernelle. A linha de humor escolhida funcionou muito bem em cena.

Aqui termino com a história de Felice Peretti e, praticamente, com a de Julius. Isto, fecho a história paralela.

CENA 10 (2o. Ato) - Na Corte de França

1566.

Noite.

Trata-se de uma cena de passagem. Sua função é dar tempo ao ator que encarna *Nostradamus* de se preparar (maquiagem, mudança de roupa etc.) para o bloco de cenas finais.

Enfim, sua necessidade é puramente técnica, mas, por ser musicada, ela adquire razão dramática. Dissipa a tensão, desfaz a expectativa e facilita a decolagem do terço final do espetáculo.

CENA 11 (2o. Ato) - Na Casa de Nostradamus.

Salon.

1566.

Vinte anos se passaram e, através de Cesar, informo rapidamente ao espectador o que ocorreu.

A personalidade de *Nostradamus* se modifica. Ela está mais cínica, sarcástica e irônica.

Ele já é um sábio também e, como qualquer prisioneiro exemplar, já domina seu algoz, o tempo, sem medo ou fúria, até com certa displicência.

CENA 12 (2o. Ato) - Na Corte de Catarina de Médicis

Paris.

1566.

Esta cena serve de prólogo da cena 13 e esboça os traços da personalidade da toda-poderosa Catarina de Médicis, a arqui-rival de *Nostradamus* na peça.

Concordo que abusei das cenas de passagem, mas, como tentei cobrir toda a vida de *Nostradamus* em duas horas de espetáculo, não encontrei outro recurso.

CENA 13 (2o. Ato) - Nos Aposentos da Rainha

Paris.

1566.

Esta cena está dividida em dois ciclos definidos: a preparação para a chegada de *Nostradamus* e a sua entrada.

Sobre as duas profecias escolhidas, uma sobre Hitler e a outra sobre a explosão da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, confesso que meu único critério foi a universalidade de ambas.

Aqui, também coloco a pergunta teórico-filosófica: se está tudo escrito, onde se coloca o livre-arbítrio dos homens?

Termino a cena com a revelação de que *Nostradamus* é judeu. Premissa julgada falsa pela maioria dos estudiosos do profeta.

Cena 14 (2o. Ato) - Na Sala dos Espelhos

Aposento da rainha.

Paris.

1566.

Para mim, a cena mais difícil da peça. Tudo porque necessitava definir o *Tempo*, através de uma imagem singela e compreensível para qualquer pessoa e sem ferir a Física Moderna ou a Filosofia da História, é claro.

Como definir o que é *continuum de dimensões* de modo dramático? O que é *continuum de dimensões*?

Devorei alguns livros de Física e Filosofia da História (veja bibliografia), na busca de uma inspiração. E nada.

Como nessa época estava escrevendo em Mury, Friburgo, resolvi tomar um banho de cachoeira para aliviar as tensões e, nem preciso dizer, a imagem representativa do meu *continuum de dimensões* estava ali, na minha frente - no rio.

Assim, um rio cujas correntezas podemos chamar de presente, passado e futuro se tornou para mim a imagem ideal do que se pode definir, em física, como sendo um *continuum de dimensões*.

Depois do banho, escrevi a cena, de chofre.

CENA 15 (2o. Ato) - Na Casa de Nostradamus

Salon.

1566.

Trata-se de uma cena totalmente baseada em profecias.

Usei as profecias de *Nostradamus*, as visões de D. Bosco, o Apocalipse de João, cujo trecho abaixo selecionado me impressionou bastante, na época, tanto pelo ritmo como pela violência das imagens. Agora, também me parece oportuno para dar um fecho aos comentários.

“Depois, vi descer do céu um anjo, que trazia a chave do abismo e uma grande corrente na mão. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e acorrentou-a por mil anos. Ele a atirou no abismo, fechou e selou a entrada sobre ele, a fim de que não mais seduzisse as nações, até o fim desses mil anos (o ano 3000). Depois disso, deverá ser solto por algum tempo.”

“E vi tronos; e os que se sentavam neles tinham recebido o poder de julgar. E vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e por causa da palavra de Deus, e dos que não haviam recebido a marca na frente e na mão.”

Engaveto os originais.

Pronto. *Nostradamus* já se foi.

Tento repensar sobre os comentários que escrevi. Talvez devesse ter sido menos didático. Deveria ter me aprofundado mais sobre a criação dos personagens. Poderia ter alimentado mais a curiosidade do leitor. Feito um striptease mental. Não. Não é hora.

Enfim, me vejo envolvido num emaranhado de dúvidas e, ainda à cata de não sei o quê, folheio as profecias do assombroso profeta na busca da quietude. E encontro uma derradeira passagem - “apesar de tudo o homem nascerá de novo...”

*Doc Comparato*

Rio, 10/ 01/ 88

# CURRÍCULO DE DOC COMPARATO

O jornal espanhol *El País* assim o descreve:

“É um *expert* em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao por em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual.

“O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram.

“As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte.

“É um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos vivos.”

Doc Comparato:

É médico, dramaturgo, roteirista e escritor.

Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do New York Films and Television Festival, e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos.

Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro desta matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de *Nostradamus* em Roma e o prêmio Ana Magnani. Acaba de escrever uma minissérie para a Polka Producciones em Buenos Aires. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

## CINEMA

<i>EL CORAZON DE LA TERRA</i>	(ESPAÑA/MADRI) 2002
<i>PIEGE</i>	(PARIS/FRANÇA) 1993
<i>ENCUNTROS IMPERFEITOS</i>	(LISBOA/PORTUGAL) 1990/1991
<i>O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ</i>	(BRASIL) 1985
<i>O CANGACEIRO TRAPALHÃO</i>	(BRASIL) 1985
<i>O BOM BURGUEZ</i>	(BRASIL) 1983
<i>HOSPITAL BRASIL</i>	(BRASIL) 1982
<i>BONITINHA MAS ORDINÁRIA</i>	(BRASIL) 1982
<i>O BEIJO NO ASFALTO</i>	(BRASIL) 1982 – Direção: Bruno Barreto

## TELEVISÃO (AUTOR)

<i>MULHER</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1998
<i>A JUSTICEIRA</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1997/1998
<i>HOSPITAL</i>	(TV ANTENA – SPAIN) – 1997
<i>NA PAZ DOS ANJOS</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1996
<i>POBLE NOU</i>	(SCRIPT ADVISER – MINISERIAL CATALÃ TV) – 1996
<i>VISITA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1995
<i>ARNAU</i>	(MINISERIAL / SPAIN) – 1994
<i>VÈSPERA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1994
<i>FILOMENO, A MI PESAR</i>	(TV SERIAL / SPAIN TELEVISION) – 1993
<i>A BOCA DO DRAGÃO</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>PROCURA-SE</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>RETRATO DE MULHER</i>	(TV SERIAL / PORTUGUESE TV) – 1990
<i>THE GAME OF BILLION</i>	(DOCUMENTARY / LONDON TV) – 1990
<i>DUAS HISTÓRIAS QUE O DIABO GOSTA</i>	(PORTUGUESE TV) – 1990
<i>LOCOS POR LA TELE</i>	(SCRIPT ADVISER / SPAIN TV) – 1990
<i>THE TEM GOLF CLUBS OF PORTUGAL</i>	(TV DOCUMENTARY) – 1990
<i>ME AQUILLO PARA SONAR</i>	(SPAIN TV) – 1990 (com Gabriel García Márquez)
<i>A. E. I. O. URCA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1990
<i>CAMINS</i>	(TV3 / CATALÃ – SPAIN TV) – 1989
<i>NAZCA</i>	(SPAIN TV) – 1988
<i>LONGSDORFF</i>	(SOVIETIC TV) – 1988
<i>A BOCA DO INFERNO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1987
<i>TIETA DO AGRESTE</i>	(RAI / ITALIAN TV) – 1986
<i>O TEMPO E O VENTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>DUAS DAMAS, UM VALETE E UM MORTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985

*O INSPETOR GERAL*  
*A VIDA SECRETA DE BERENICE*  
*A PATA DO MACACO*  
*A DAMA DAS CAMÉLIAS*  
*MALU MULHER*  
*LAMPIÃO E MARIA BONITA*  
*OS AMORES DE CASTRO ALVES*  
*PLANTÃO DE POLÍCIA*  
*E AGORA, MARCOS?*

(GLOBO TV / BRASIL) – 1983  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1981  
(GLOBO TV / BRASIL) – 1979

## TEATRO (AUTOR)

*NOSTRADAMUS*  
*NO CÍRCULO DAS LUZES*  
*MIGUELANGELO*  
*NOSTRADAMUS*  
*K. DANCE*  
*NOSTRADAMUS*  
*A INCRÍVEL VIAGEM*  
*O BELJO DA LOUCA*  
*AS TIAS*  
*O NOVÍSSIMO TESTAMENTO*

(ROMA / ITÁLIA) 2003  
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2002  
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2001  
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1999  
(PARIS / FRANÇA) 1989  
(SÃO PAULO / BRASIL) 1985/86  
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1984  
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1981  
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1980  
(SÃO PAULO / BRASIL) 1979

## LITERATURA E DRAMATURGIA

*SCRIVERE UM FILM*  
*LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONI*  
*VON DER ENTDECKUNG DES PARADIESES*  
*EL GUIÓN*  
*EL GUIÓN*  
*LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES*  
*LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES*  
*A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES*  
*LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES*  
*A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES*  
*ME ALUGO PARA SONHAR*  
*ME AQUILLO PARA SOÑAR*  
*EL GUIÓN*  
*ME AQUILLO PARA SOÑAR*  
*DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO*  
*ARNAU, ELS DIES SECRETS*  
*DA CRIAÇÃO AO GUIÃO*  
*DE LA CREACIÓN AL GUIÓN*  
*TV AO VIVO DEPOIMENTOS*  
*PADRE CÍCERO*  
*ROTEIRO, ARTE DA TELEVISÃO*  
*EL GUIÓ*  
*EL GUIÓN*  
*EL GUIÓN*  
*AS TIAS: TRAGICOMÉDIA EM 2 ATOS*  
*O MELHOR DA CRÔNICA BRASILEIRA 2*  
*SANGUE, PAPÉIS E LÁGRIMAS*

(DINO AUDINO EDITORE, ITALY) 2002  
(ROBIN EDIZIONI, ITALY) 2002  
(ED. EICHBORN FRANKFURT, GERMANY) 2000  
(2<sup>nd</sup> EDITION PLANETA, MÉXICO) 2000  
(3<sup>rd</sup> EDITION FOR LATIN AMÉRICA) 1999  
(ED. PLANETA, ARGENTINA) 1998  
(ED. PLANETA, MÉXICO) 1998  
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1998  
(ED. PLANETA, SPAIN) 1998  
(ED. ROCCO, BRASIL) 1997  
(ED. CASA JORGE EDITORIAL, BRASIL) 1997  
(OLLERO E RAMOS EDITORES, SPAIN) 1997  
(OFIC. PUBL. DEL CBC, ARGENTINA) 1997  
(ED. VOLUNTAD, COLOMBIA) 1995  
(ED. ROCCO, BRASIL) 1995  
(ED. PROA, SPAIN) 1994  
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1992  
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION ESPAÑOLA, SPAIN) 1988  
(ED. BRASILIENSE, BRASIL) 1988  
(ED. RECORD, BRASIL) 1984  
(ED. NÓRDICA, BRASIL) 1983  
(UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE BARCELONA, SPAIN) 1983  
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION ESPAÑOLA, SPAIN) 1983  
(GARAY EDICIONES, ARGENTINA) 1983  
(ED. ACHIAMÉ, BRASIL) 1981  
(ED. JOSÉ OLYMPIO, BRASIL) 1981  
(ED. CODECRI, BRASIL) 1979

## LIVROS INFANTIS

*A INCRÍVEL VIAGEM*  
*NADISTAS E TUDISTAS*

(EBAL, BRASIL) 1984  
(EBAL, BRASIL) 1984

## PRÊMIOS NACIONAIS

Prêmio na Categoria Conto da mais prestigiosa instituição no Brasil em 1978 (Concurso de Contos do Paraná)

Prêmio de Serviço Nacional de Teatro (SNT 1979 e 1980)

Eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor autor de 1982.

## PRÊMIOS INTERNACIONAIS

Prêmio de Melhor Filme no LALIFF 2007 – Los Angeles Latin International Film

Festival – Cinema – *El Corazón de la Tierra* – Inglaterra/Espanha (2007)

Prêmio “Ana Magnani” – Teatro – *Nostradamus* – Itália (2003)

Melhor Autor da Academia de Literatura Catalan – *Arnau* – Barcelona, Espanha (1995)

Coral Negro – Cuba – Melhor Minissérie e autor para *O Tempo e o Vento* (1986)

Prêmio da Crítica – TV Festival – Monte Carlo (1986)

Melhor Roteiro Original, Categ. Crianças e Adolescentes – Tomar Film Festival – Portugal (1985)

Festival de Televisão de Praga – Roteiro *Malu Mulher* – Regina Duarte, melhor atriz (1984)

Festival de Filmes e Televisão de Nova York, medalha de ouro, melhor roteiro original para minisséries. (1983) (TV Globo Production *Lampião e Maria Bonita*)

## DE 1986 A DIANTE

Doc Comparato em 1986 foi fundador e coordenador do Departamento de Criação da TV Globo Network. Sua obra *Nostradamus* estreou em São Paulo e ficou em cartaz durante um ano.

Em 1987 trabalhou com Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel) e escreveu a minissérie intitulada *Me Alugo para Sonhar* para a Productora International Network; e para a televisão soviética, a minissérie intitulada *O Homem que Descobriu o Paraíso* junto com o escritor russo Alexander Chlepianov.

Nos anos 1990 se mudou para a Europa onde escreveu para a TVE uma minissérie com Gonzalo Torrent Malvino, baseada no livro *best-seller* deste, intitulado *Fenomeno*; e *Arnau* para a televisão Catalan, a qual recebe o mais prestigioso prêmio de Barcelona, como melhor Autor da Academia de Literatura Catalan.

Logo em 1992 trabalhou em Portugal, na TV SIC e na TVI, como roteirista e consultor criativo até 1994. Foi coordenador e fundador do máster em roteiros para televisão e cinema da Universidade Autônoma de Barcelona. Também ocupou o mesmo cargo na Universidade Católica Portuguesa (PUC), e consultor do European Fund em Londres por cinco anos.

Em 1996 Doc retornou com sua família para o Brasil, onde retorna para Tv Globo. Escreve no Rio de Janeiro “A Guerra das Imaginações”, novela que foi editado no Brasil, Espanha, Portugal, Argentina, México, Itália e alcança a Alemanha em 2003.

De 2002 a 2003 viveu em Barcelona onde trabalhou como roteirista, além de ser diretor criativo da Prodigius Audiovisuais (TV-Movies Europeus) e também diretor da DEA (Augustini Planeta Corporation) para minisséries e grandes projetos audiovisuais europeus.

Em 2004 viveu na Alemanha onde foi professor da Escola de Cinema de Berlim e convidado de honra do Festival de Cinema (Urso de Prata – 2004).

Depois de escrever um filme em Belgrado, o roteirista volta ao Brasil e se torna consultor de criação de textos do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT – São Paulo / Brasil) onde desenvolveu um projeto intitulado *O Palácio* e um outro de telenovela.

Em 2005, viveu em Buenos Aires onde escreveu a minissérie *Talismanes* para Pol-ka Producciones. Trabalhou na Rede Record de televisão.

Em 2008, ministrou o curso “Personagem, dramaturgia y guión” na Escuela Internacional de Cine y TV – San Antonio de los Baños. Voltando ao Brasil, foi convidado pela *Academia*

*Brasileira de Letras* para ministrar o curso “Da Criação ao Roteiro”. Em outubro esteve em Medellin como conferencista para o XII Encontro Internacional de TV.

Em 2009, lança nova edição do livro “Da Criação ao Roteiro” pela editora Summus.

Em 2010, estréia sua peça “Lição Nº 18” que contou com sua filha, Bianca Comparato no papel principal (Teatro Poeira – Rio de Janeiro).

E ainda completou sua terceira trilogia teatral, chamada “Trilogia da Imaginação”, escrevendo as peças “Eterno” e “Jamais”. Textos inéditos.

Em 2012 recebe o Prêmio FyMTI (Festival Y Mercado de TV-Ficção Internacional), Buenos Aires, em Reconhecimento por sua trajetória e contribuição como autor de ficção em audiovisual.

**Trabalhos específicos para a  
Rede Globo**



**SERIADOS:**

**PLANTÃO DE POLÍCIA: (Criador e Autor)**

22/06/1979 - CRIME DO VIDIGAL  
06/07/1979 - VAMPIROS TROPICAIS  
27/07/1979 - A VOZ DO ALÉM  
24/08/1979 - VERMELHO 23  
31/08/1979 - O ENIGMA DA PENSÃO DO RENO  
28/09/1979 - BALÃO APAGADO  
19/10/1979 - DESPEDIDA DE SOLTEIRO  
30/04/1980 - O CAVALEIRO DO APOCALIPSE  
28/05/1980 - NOS PORÕES DA LIBERDADE  
25/06/1980 - O ARQUI-INIMIGO  
09/07/1980 - O ACORDO  
16/07/1980 - A DOCEIRA DE BANGU  
01/10/1980 - O VENERÁVEL AZUL TURQUESA  
15/10/1980 - PEGA  
10/12/1980 - CAIXA DE SURPRESAS  
17/12/1980 - CAMISA DE FORÇA  
05/05/1981 - TREM NOTURNO  
04/06/1981 - SANGUE, CALÇADA E MILK-SHAKE  
11/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - I  
18/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - II  
25/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - III  
03/07/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - IV  
13/08/1981 - OLHO DA MORTE  
03/09/1981 - O HERDEIRO

**MALU MULHER: (Autor)**

11/08/1980 - PARADA OBRIGATÓRIA

**RETRATO DE MULHER: (Criador e Autor)**

16/12/92 - ERA UMA VEZ...LEILA  
18/05/93 - ERA UMA VEZ...MADALENA

**A JUSTICEIRA: (Criador e Autor)**

09/04/1997 - PREÇO DA VIDA

16/04/1997 - CINZAS NO PLANALTO

17/04/1997 - BALA NO TREM DE PRATA

23/04/1997 - O FILHO DA MADONA

30/04/1997 - O NAVIO LUMINOSO

07/05/1997 - VIAGEM AO INFERNO

14/05/1997 - ETERNOS DIAMANTES

21/05/1997 - MESMO QUE SEJA EU

28/05/1997 - FILHA ÚNICA

04/06/1997 - CRIADOR E CRIATURA

11/06/1997 - BALAS PERDIDAS

18/06/1997 - TREM DE PRATA

02/07/1997 - VIVER POR VIVER

**MULHER: (Autor)**

22/04/1998 - FATOR HUMANO

21/10/1998 - DE BRAÇOS ABERTOS

11/11/1998 - O NÉCTAR DA VIDA

13/04/1999 - VÍCIOS E VIRTUDES

01/06/1999 - PERFUME DO AMOR

27/07/1999 - LINDO MARAVILHOSO

07/09/1999 - A BELA ADORMECIDA

14/09/1999 - SABOTAGEM

09/11/1999 - O SEGREDO

**MINISSÉRIES: (Autor e Criador)**

26/04/1982 - LAMPIÃO E MARIA BONITA

10/01/1983 - BANDIDOS DA FALANGE

09/04/1984 - PADRE CÍCERO

22/04/1985 - O TEMPO E O VENTO

24/06/1990 - A,E,I,O...URCA

**OUTROS TRABALHOS EM TELEVISÃO:**

**CASO ESPECIAL: (Autor)**

10/05/1978 - E AGORA, MARCO?

02/01/1981 - OS AMORES DE CASTRO ALVES

**QUARTA NOBRE: (Criador e Autor)**

06/04/1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS

27/04/1983 - O INSPETOR GERAL

25/05/1983 - A PATA DO MACACO

08/06/1983 - DAMAS, VALETE E CRIME

31/08/1983 - MORTE NO PARAÍSO

05/10/1983 - A VIDA SECRETA DE BERENICE

26/10/1983 - DO OUTRO LADO DO TÚNEL

**BRASIL 500 ANOS: (Autor)**

02/07/1998 - BRASIL 500 ANOS

**TRABALHOS COMO ATOR:**

**MINISSÉRIE**

1984 - PADRE CÍCERO - (MACEDO)

1990 - A,E,I,O...URCA - (JUDEU JACOB)

1998 - LABIRINTO - (ELE MESMO)

**TELENOVELA**

1985 - A GATA COMEU - (ELE MESMO)

**QUARTA NOBRE**

1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS (GAROTO DA CLAQUETE)

\*Ainda na Rede Globo, foi um dos criadores e fundadores da Casa de Criação da emissora nos anos 80.

# OBRAS TEATRAIS DO AUTOR

## TRILOGIA DO AMANHÃ<sup>©</sup>

---

(Peças escritas entre 1977 e 1982)

**PLÊIADES ou Pequenas Cirurgias para Aracnídeos.**

**O BEIJO DA LOUCA<sup>©</sup>** – (Prêmio Serviço Nacional do Teatro, Brasil, 1979)

**O DESPERTAR DOS DESATINADOS<sup>©</sup>.**

## TRILOGIA DO TEMPO<sup>©</sup>

---

(Peças escritas entre 1985 e 2000)

**NOSTRADAMUS<sup>©</sup>** (O prisioneiro do Futuro) – (Prêmio ANA MAGNANI/STAZIONE, Itália, 2003/2004)

**MIGHELANGELOS<sup>©</sup>** (O prisioneiro do Presente) – (Para a comemoração dos 500 anos de descoberta do Brasil, 2000)

**O CÍRCULO DAS LUZES<sup>©</sup>** (O prisioneiro do Passado)

## TRILOGIA DA IMAGINAÇÃO<sup>©</sup>

---

(Peças e projetos a partir de 2000)

**SEMPRE<sup>©</sup>** (Ou, o Caso da Moça de Gargantilha ou na Intimidade das Coisas) – (Escrito em Barcelona, 2003)

**JAMAIS<sup>©</sup>** (Calabar, um elogio à traição Ou Na posse das coisas) (Escrito em Barcelona, fevereiro de 2006)

**ETERNO<sup>©</sup>** (ou Xanadu, no limite da criatividade ou No inalcançável das coisas) – (Escrito em Copacabana, Julho de 2006).

## OUTROS TEXTOS

---

**A INCRIVEL VIAGEM<sup>©</sup>** (Ou, O Inacreditável é Possível, o Impossível não é) – (1985 - Peça Infantil)

**AS TIAS** © com Aguinaldo Silva (1982)

**LIÇÃO N° 18<sup>©</sup>** (1995/2004)

**O DESPERTAR DOS DESATINADOS<sup>©</sup>** (1987) (Revisto)

**“A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA e OUTRAS HISTÓRIAS”** © (2011)